

A ETERNA QUESTÃO

A questão económica, que é como quem diz a questão social tomou nos últimos tempos aspectos de gravidade que está preocupando sobremaneira as diferentes correntes políticas que se arrogam o direito de orientar povos.

As causas bem conhecidas de todos que se não fazem cegos, como alguns, para não verem através delas o arripiante quadro de miséria que representam, são filhas de factores económicos e hereditários que, por enquanto, subsistem, se bem que abalados nas suas bases.

Actualmente, é o assunto que mais directamente interessa os homens que se dedicam ao estudo dos problemas da vida, raro sendo aquele, porém, que lhe apresente soluções consentâneas com a sua importância. A questão económica serve às mil maravilhas para as mais disparatadas e comensais críticas, com que se pretende desvirtuar a sua verdadeira origem, atribuindo-se-lhes causas absurdas, para se ofuscar o significado das agitações que a envolvem e lhe dão características especiais que, primitivamente, não ofereceram à apreciação dos altos investigadores da economia política... agora tão alarmados pelo que vai pelo mundo fora, em etapas sangrentas, onde os povos procuram conquistar mais liberdade e uma situação, em relação ao seu passado, mais justa e desafiadora.

E então é pôsto, como consequência dessa tremenda efervescência e sob um cuidado imenso, outro problema: o da Ordem. Julga-se assim sufocar a revolta que lavra intensa e latente entre a humanidade.

E grita-se depois: é necessário fixar um limite aos lucros desmedidos dos exploradores—pura utopia só concebível pelos inconscientes—e estabelecer um plano de reformas sociais que atenuem essa onda alterosa de indignação para que se evite um cataclismo infalível...

E em volta deste estreito critério, que nem sequer tem probabilidades de efectivação, vá de fazerem considerações de vária ordem, tendentes todas elas ao fim único: conservar a mesma situação de exploração internacional que representa o regime capitalista.

Arquitectando projectos, sonhando com a possibilidade de salvação dum estado de coisas infimo desde o seu início, sustentam com um nervosismo que roça pelo delírio as mais destrambelhadas polémicas quanto ao processo que poderá salvar-lhes a existência. E' percorrer a colecção dos jornais e analisar o que se tem escrito sobre o problema económico, para logo se ficar com a convicção dos desenhos dos seus orientadores. E a miséria continua lavrando numa vertiginosa carreira, absorvendo a energia de milhares de entes, em holocausto a um sistema destruidor de toda a vitalidade humana.

Alacem-se os que defendem a completa remodelação da sociedade num frenesi que sintetiza ódio às claras investigações de honestos sociólogos que, através das idades e ajudados pela ciência, têm vindo nesse precioso trabalho de esclarecimento das massas, condenadas pelos governantes as mais infame do ostracismo. Inconscientemente se afirma: as verdadeiras fontes de riqueza são o comércio, a indústria e a agricultura. E' necessário dar-lhes alento, para que se desenvolvam. Mas tudo dentro do sistema actual, do sistema que fez mergulhar essas fontes de riqueza na maior profunda desmoralização.

Prêga-se a violência contra todos os que tenham a coragem de divulgar os erros, os escândalos e os roubos cometidos sobre a população. Incita-se a que se proceda com a maior energia contra aqueles que claramente, sem subterfúgios que envergonham quem deles faz uso, apontem onde reside o mal.

Perseguem-se sistematicamente quantos tenham a audácia de se revoltar contra as extorsões de que são vítimas e pretendam com o seu esforço e inteligência pôr um freio ao desastre que constata.

E então invertem-se os papéis: os honrados são os exploradores; os expoliados são os patifes que necessitam correctivo imediato e salutar!

Estudam-se todas as fórmulas na defesa dos avariados princípios que ainda sustentam, trémula e hesitante, a sociedade burguesa.

E como a arma empregada traduz o mais hábil sofisma, encobre-se a verdadeira causa e deixa-se no olvido a injusta propriedade individual, origem de todas as desigualdades e conflitos que em todos os tempos têm agitado os povos e que produzirá iguais efeitos até ao seu desaparecimento.

Apresenta-se este infantil argumento:

Se a situação das empresas é próspera, porque fecham tantas fábricas? Porque se abandonam as culturas?

Exactamente porque se não pretende na realidade desenvolver a indústria e a agricultura.

Quando tanta gente necessita trabalho, alimentação e vestuário, é quando se contam aos milhões os desempregados na Europa! E quando, por exemplo, em Portugal, emigram para o estrangeiro dezenas de milhares de trabalhadores, que nós assistimos a este desolador espectáculo: os campos cobertos de vegetação árida, por não haver quem procure cultivá-los.

Tudo isto é a resultante directa da engrenagem capitalista. O contrário é que seria de admirar.

E para isto se gastam colunas de prosa em todos os jornais conservadores, que mantêm, numa contumácia doentia, este tremendo erro: equilibrar a questão económica, os interesses de todos, imaginem, dentro da sociedade capitalista, afirmando ser necessário primeiramente resolver o problema da ordem.

Que capacidade, senhores, que senso, que elevada visão das coisas e dos acontecimentos!... Que perspicácia!... Que inteligência!...

E nem os próprios factos abrem os olhos a essa gente.

Que tremenda infelicidade, diremos nós.

Notas & Comentários

Leviandade

Citamos—e bem visível ela se torna— a incoerência da situação que, após uma guerra inteligente das milícias, vem inserindo de gráficos retumbantes de aspecto, artigos de calorosíssima apologia do fascismo. E vai ela, não querendo dar-nos razão, replica que o faz para que o público julgue «umas coisas e outras». A situação tem-se apresentado como um jornal de defesa de determinada característica política e não como ela agora argumenta um jornal de pedagogia, que ensina política, aos leitores, pelo método comparativo. Isso só a deixa, em má situação: um jornal político quando de ânimo leve, comete estas incoerências não merece, dos leitores, os trinta centavos que custa e do partido de que é officioso órgão, um banal e descurado voto de saudação.

Consolação...

A Ideia Nacional, a pesar de 48 horas de lenta preparação, não respondeu ao nosso artigo sobre a sintomática atitude de apoio dos monárquicos integralistas a uma situação política que, todos os dias, se proclama republicana. Entendeu que já era grande a dificuldade em reproduzir os adjectivos com que qualificamos os integralistas em geral e de nos formular, depois, esta pergunta:

«Não será muito pior a situação daquelas que nem serem energias, são apenas parvos?»

Em resposta, dir-lhe-hemos que cada um se consola como pode e sabe.

Imprensa

Apareceu ontem o primeiro número de A Cidade, diário da tarde, dirigido pelo sr. Carlos Faro. Apresenta-se com decência e sobriedade.

A Ordem dos Advogados

reuniu ontem para eleger o Conselho Geral e o Tribunal Supremo

Sob a presidência do sr. dr. Vicente Monteiro reuniu ontem, pelas 14,30 e pela primeira vez, a Ordem dos Advogados para eleger o seu Conselho Geral e o Tribunal Supremo tendo assistido 350 advogados de várias comarcas.

ECOS DA REVOLUÇÃO

Estão prestes a terminar as investigações

Estão em via de conclusão as investigações sobre os acontecimentos revolucionários de fevereiro último. Terminadas as investigações realizar-se-ão os julgamentos, sendo natural que dentro de pouco tempo esteja completamente arrumado o assunto.

UMA EXCURSÃO DE ESTUDO

Acompanhados pelo seu reitor, partiram ontem à noite, a bordo do «Patrão Lopes», os alunos do Liceu de Passos Manuel, em excursão de estudo às Berlengas, Peniche, Figueira da Foz, etc., promovida pela respectiva Associação Académica.



A ACTUALIDADE CHINESA

O imperialismo britânico aticando a guerra

Os cantoneuses procuram atingir rapidamente a cidade de Pequim, cuja conquista será de grande efeito político

Londres, 3 de Abril.—As intenções da Inglaterra esclarecem-se cada vez mais. Partem constantemente tropas para a China e algumas classes da reserva do exército foram já chamadas ao serviço activo. O governo de Londres mobiliza tropas sob o pretexto de uma necessária demonstração de força para obrigar os nacionalistas às satisfações exigidas; mas verifica-se que está decidida a guerra aberta à China, com o objectivo de impedir que se estabeleça ali um regime desagradável ao grande capitalismo britânico.

A opinião conservadora, que é a opinião dos capitalistas e dos imperialistas, quer forçosamente uma guerra que não encontre a concordância da opinião popular, a verdadeira opinião pública.

A diplomacia britânica não conseguiu ainda um acordo virtual ou efectivo com as outras potências. O Japão e os Estados Unidos são os maiores rivais da hegemonia inglesa; por sua vez, ambas as nações são rivais na conquista de influência e soberania no Extremo-Oriente; é justamente na conciliação com os Estados Unidos e o Japão que a Inglaterra tem o maior empenho.

Sente-se que a diplomacia britânica joga uma cartada formidável; mas o orgulho e a ambição do imperialismo que essa diplomacia defende preterem a luta de rivalidades mesmo uma política de contemporização com adversários poderosos e exigentes, a deixar que triunfe a revolução chinesa. O triunfo da revolução chinesa será um cheque tremendo na influência britânica no Oriente. Duas nações de tão vastos territórios e de tão intensa população, como a Rússia e a China, logo que vivam sob um regime político e económico inimigo do grande capitalismo e de todos os imperialismos, serão barreiras inexpugnáveis à expansão da hegemonia inglesa. Submetida a China, inutilizado o prestígio da Rússia entre os povos tutelados, tornar-se-ia fácil à diplomacia inglesa lutar vantajosamente com a rivalidade das outras potências, ainda que essa rivalidade já mais fosse anulada.

Não admira, pois, que a Inglaterra, sem renunciar ao desejado concurso do Japão e dos Estados Unidos, nem, mesmo, o concurso da França, se disponha a fazer a guerra, sózinha. Para com a China se vai iniciar aquela política de bloqueio militar e económico que tão mal resultou na Rússia.

No norte da China, a acção militar da Inglaterra favorece ostensivamente os exércitos nórdicos, cuja retirada foi bastante protegida. Em Xangai, por exemplo, refugiaram-se dois mil homens das forças de Xantung, que mais tarde foram expedidos para a frente que se propõe resistir ao avanço dos nacionalistas.

O exército inglês faz, em território chinês, tão vastos e minuciosos preparativos que por eles se verifica a intenção de uma demorada campanha. Foram adquiridos terrenos em Xangai para se construir um hospital militar. Em Hong Kong estão sendo construídos quartéis para alojar permanentemente 20.000 homens.

A CRISE DE TRABALHO

Aumenta progressivamente a trágica legião dos desempregados

A crise de trabalho continua à espera de solução e sem que se note o desejo sincero de se tomar medidas tendentes à atenuação, atenuando a miséria em que vivem muitas dezenas de milhares de trabalhadores. A situação continua sendo deplorável, tendo ainda a agravá-la a circunstância do número dos desempregados se ir elevando numa progressão crescente e aterradora.

Todas as indústrias estão afectadas da mesma diminuição de actividade, algumas havendo que estão quasi por completo paralisadas. Sem quererem salientar a construção civil chamamos uma vez mais a atenção para o que nessa indústria se está passando e o que revela o estado de composição em que a sociedade capitalista se encontra. A crise, algumas indústrias, é motivada pela falta de encomendas, não se encontrando no mercado possibilidades de colocação para os produtos manufacturados. Mas na da construção civil isso não acontece, pois que a crise de habitação é enorme. Prêdio que se construa, tem assegurado absolutamente o seu aluguer, tão assegurado que já se tem alugado habitações muito antes da sua edificação estar concluída. A crise na construção civil é, principalmente, motivada pela falta de capitais o que prova a evidência que neste país os homens de dinheiro ou o aferrado avaramente ou preferem empregá-lo em especulações escandalosas e bastante lucrativas. Antes da guerra, nessa indústria observava-se a mesma falta de capital podendo dizer-se que a parte moderna da cidade foi construída por iniciativa audaciosa de aventureiros que não trepidavam em recorrer aos piores expedientes. Há muita gente sem ter onde morar, não fazendo, pois, sentido que se continue observando que a crise na construção civil seja cada vez maior. Há até prédios que se encontram quasi concluídos e cuja construção ameaça nunca mais finalizar, o que equivale a deitar ao mar todo o dinheiro que eles custaram.

A crise de trabalho não é local, é nacional, atingindo todo o país de norte a sul. Cidades há em que a quasi totalidade dos operários há longos meses não encontra ocupação. Morre-se de fome em toda a província do Algarve, mormente na sua costa marítima. Nuns países que, desde os bancos da escola, ouvimos dizer que é essencialmente agrícola, a maioria dos rurais está condenada, quasi todo o ano, à inacção. Grita-se por aí contra o incremento estudando da emigração e afinal averigua-se que, no tal país que dizem ser essencial-

Para a China vão ser enviados aviões e metralhadoras, formando-se com todas as tropas um corpo móvel de segurança e protecção aos subditos ingleses... Enfim, a Inglaterra empenha todos os seus recursos nesta luta, porque a Índia, a jóia do império, observa os acontecimentos com uma «exagerada e atenta» curiosidade.

A conquista de Pequim

Prováveis vantagens políticas dos cantoneuses com a posse da capital

O avanço dos cantoneuses sobre Pequim já se iniciou com certa rapidez. Três colunas atravessaram o Yang-Tsé em vários pontos e marcharam logo para o Norte. A primeira coluna partiu de Nanquim com o objectivo de alcançar Sun-Tcheu; a segunda, de Pequim para atingir Peng-Pu, que já foi tomada; a terceira avança ao longo do grande Canal. O exército nórdista retirou, não sem empenhar alguns combates, tendo formado uma linha junto ao caminho de ferro Pequim-Hanke, aqui pensando ficar, sob o pretexto de que o maior afastamento ameaçaria os flancos. O exército cantoneense é comandado pelo general Shan-Kai-Chek e o nórdista pelo general Tchang-Tso-Lin.

Os cantoneuses mostram pressa em atingir Pequim. A conquista de Pequim tem uma importância decisiva nos acontecimentos, visto que ficaria completamente destruído o antigo sistema político da China e fundado o novo regime proclamado nos trinta e três pontos de Cantão.

Senhores de toda a organização política, os cantoneuses levariam as potências a reconhecerem o novo estado ou a negociar no terreno diplomático as questões de interesses. Attingir Pequim antes de qualquer acordo das potências estrangeiras, aproveitando as hesitações dos governos japoneses e franceses, não deixando que o tempo e os acontecimentos favoreçam a política hostil do governo inglês, será para os nacionalistas um extraordinário triunfo, talvez, a consolidação do novo poder no interior do enorme país e a afirmação perentória da emancipação de toda a tutela estrangeira.

O governo de Pequim está desautorizado, mas a política inglesa empresta-lhe a autoridade perdida, porque isso convém a dar aparência de lógica consequente à sua intervenção militar.

O governo de Pequim está reconhecido como o governo legal da China e o de Cantão é um governo imposto por uma insurreição. Ao governo legal se reclama quando a propriedade e a vida de estrangeiros corre perigo; e se o governo legal não tem a força necessária, é natural a intervenção militar da nação ofendida. Desde que a insurreição triunfe, proclamando o novo governo, outro caminho resta à nação estrangeira.

(Ver mais noticiário na 2.ª página)

AS CASAS DE «PREGO»

Um inteliz documento que traduz lamentavelmente a falta de visão dum organismo operário

Esta questão dos prestamistas tem dado motivo às mais fantásticas coisas. Comprou-se certa imprensa para fazer o jogo descarado dos penhoristas. Procurou-se suggestionar o governo para que o decreto sobre penhores não fosse regulamentado. E, por último, esboçou-se um movimento de reacção contra o último diploma, movimento que se iniciou pela suspensão das transações e que ameaça ir à suspensão dos empregados das casas de penhores.

Como não fosse suficiente o que fica exposto, apparecem de quando em vez indivíduos e colectividades a tomarem atitudes equivocadas que nos deixam estarelecidos. Uma dessas atitudes é a que tomou o organismo que subscreve a representação abaixo, entregue ao ministro das Finanças, e cuja publicação nos é solicitada. Eis a representação:

«Publicou V. Ex.º o regulamento ao decreto sobre o comércio prestamista.

Não pode nem deve esta Associação calar vários comentários, aliás absolutamente legítimos, que aquele diploma lhe suscita.

Duma maneira geral, esta Associação empresta a V. Ex.º a sua solidariedade, ponderando:

1.º—Que algumas das disposições regulamentares, ditas seguramente sob um propósito moralizador, transportam em última análise à presumível extinção dum comércio que sempre tem assistido às parcas bóias do emprego no comércio, em momentos de crise aguda e difícil.

E sendo assim, o mesmo regulamento illudiu absolutamente o seu objectivo primário.

Pretendendo moralizar uma instituição, por vezes abusiva, furtou, por outro lado, às vítimas da terrível situação económica em que nos debatemos, a única fonte de recursos pecuniários, porisso que, decididamente, o comércio prestamista não poderá suportar algumas das bases estabelecidas pelo citado diploma regulamentar.

Urge, por consequência, que se modifiquem e atenuem essas disposições restritivas.

2.º—Que a dar-se o encerramento das diversas casas de penhores, que fatalmente corresponderá a uma crise de desemprego, cujas funestas consequências inútil será acentuar, se providencie no sentido de a ela obstar, promovendo-se a colocação dos vários empregados especializados em estabelecimentos públicos.

3.º—Que seja revogada a disposição que se refere ao horário do trabalho, porquanto a organização de turnos arrasta sempre a sua inobservância, além de que não é de aconselhar a excepção da prorrogação da hora de encerramento.—Saúde e Fraternidade.—Pela Direcção da Associação dos Caixeiros de Lisboa—O Presidente, Dário Nôvoa.

UMA REPORTAGEM

O Forte do Monsanto visitado a hora matutina por um dos nossos redactores

Uma conversa com um dos presos sobre um recente incidente

Foi numa manhã alegre, de doirado sol de Abril, que trepámos a íngreme Serra de Monsanto, em direcção ao forte que austera e sergue no seu vértice. A nosso lado, seguem algumas figuras ignoradas, de expressão nostálgica, que ali vão também dar um pouco de lenitivo aos parentes encarcerados.

Todos parecemos fadados a levar a cruz ao calvário que lá em cima está erecto, calvário para os que se encontram presos e para os que os visitam. Toda aquela ladeira encerra uma grande tragédia. E' ela teatro, todos os dias de visita, de cenas de lágrimas, de lamentações e de convulsivos choros. Foi ela também teatro bélico, para salvar a república.

Alguns que, nas horas amargas de Fevereiro de 1919 ali foram em nome da liberdade são agora visitados por aqueles que, como nós, se esforçam para chegar ao Forte. Simples caprichos do Destino...

Quarenta minutos de ascensão e eis-nos chegados ao Forte, destinado aos condenados à prisão correcção. O regulamento é rigoroso. Só a determinadas horas é permitida a visita aos chamados presos políticos. No entanto e devido à amabilidade do chefe dos guardas, sr. Monteiro, para com o «reporter», conseguimos falar a dois dos presos: Alexandre Vieira e Aníbal Pinheiro, arguidos no caso da Biblioteca Nacional.

Alexandre Vieira é o velho militante do sindicalismo. Culto, inteligente, ponderado e sensato, encontra-se ali em virtude de um conflito na Biblioteca, de que os jornais se fizeram eco. Quem conhece Vieira acredita que só razões muito ponderosas o levariam ali. Mas não percamos tempo, porque Vieira vai, mais uma vez, falar aos leitores naquela sua linguagem de homem sincero.

«Estamos aqui treze homens por um delito de que eu assumo inteira responsabilidade. Como tal, sujeito-me aos rigores da lei. Desejava, como é de elemental justiça, que fossem soltos os meus colegas, visto não poderem ser culpados dum acto que eu pratiquei.

«Mas houve alguma irreflexão de vossa parte?»—inquirimos.

E a explicação principia: «No dia seguinte ao do acto de posse, em 17 de Fevereiro, o actual director da Biblioteca Nacional tornava conhecida uma ordem de serviço em que retirava a todo o pessoal assalariado (cerca de setenta indivíduos de ambos os sexos) duas regalias de que vinha gozando havia alguns anos: um mês de licença, por ano, com vencimentos, e o pagamento dos honorários na doença, sempre que fosse comprovada por atestado médico, esta última não extensiva a todos os assalariados; sob a alegação de que al-

Lê-se e pasma-se. Crêmos que a classe dos caixeiros não perfilha a doutrina deste documento, embora ele esteja autenticado pelo carimbo da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa.

E não acreditamos que tal suceda, visto a referida Associação se desviar do fim para que foi criada.

Que importa a uma associação de classe, que tem por fim velar pelos interesses económicos e morais dos seus componentes a extinção de um ramo de negócio, eminentemente imoral, e de ignóbil exploração humana?

Que importa a um sindicato operário que o comércio prestamista não possa suportar algumas das bases estabelecidas por um diploma oficial?

Acaso algum dia essa associação se preocupou com os lucros excessivos dos penhoristas, algum dia a essa colectividade mereceu atenção a miséria dos mutuários, vilmente explorados pelos prestamistas?

Não! A Associação dos Caixeiros de Lisboa nunca se intrometeu nesses assuntos, porque tal não lhe competia. Para isso lá estão as entidades competentes que, muito à puridade, têm feito aquilo que todos nós sabemos...

Mas defender a existência dos prestamistas brada aos céus!

Depois não nos parece que o decreto elimine as casas de penhores. Restringir os lucros a esses agiotas não é acabar-lhes com o arranjinho. Um penhorista que nos escreve há dias recorre que a limitação dos juros era necessária logo a medida do governo foi reconhecida por alguns penhoristas.

Logo a associação que subscreve a representação entregue ao ministro das Finanças está fora da razão, da lógica e da boa doutrina.

Que se defenda a situação dos empregados das casas de penhores, ameaçados com a demissão pelos seus patrões, está bem, é isso das funções de um sindicato operário! Que se procure que o governo admita nas Casas de Crédito Popular o pessoal das casas de «prego» logo que ele seja demitido, é uma boa acção de um organismo de classe! Que se consiga para esses empregados, em matéria de regalias, uma situação igual à que gozam hoje, seria um admirável trabalho do sindicato dos caixeiros.

Agora descer ao terreno da defesa dos prestamistas, dessa classe de miseráveis que tem enriquecido com a dor de centenas de famílias, não é sensato, nem decente e nem humano!

Isto afirmamos-lo nós que não defendemos nenhum dos governos, mas que nos repugnaria muito mais fazer a defesa, embora subtil, dessa classe de usurários, que se alimenta com as lágrimas de uma população.

TEATRO APOLO
TELEF. N. 4129
Companhia ALMEIDA CRUZ
HOJE e todas as noites
A pitoresca op.reta
MOURARIA
Admirável interpretação
A vida bairrista
em pleno palco

O Universo

A acumulação de tantos estudos, de tantas observações, de tanta experiência, conduziu esta magna questão da criação e da vida a um campo nitidamente positivista. Suprimida a revelação, o mistério e todo o doutrinarismo que repousa em cima do sobrenatural, investigam-se, comparam-se, elevam-se a grande altura os estudos pré-históricos.

Por outra parte, a paleontologia, a química, a física, vão rasgando o vultuoso e a verdade se aproxima cada vez mais do homem. Os triunfos de numerosos sábios estudiosos fortaleceram as gerações contemporâneas, cujos espíritos, retentados ante êsses triunfos, adquiriram novas energias, novas audácias para acometer a empresa.

Por outro lado, as leis harmônicas que regem o Universo são uma prova suficiente da existência de uma vida universal, ou seja que o Universo vive sob formas distintas de vitalidade.

Se o universo não vivesse, não seria regido por «leis harmônicas», as quais não são outra coisa que a vida.

Sim, o universo não é inanimado. Se não vivesse, transformaria-se em caos, que é a morte do universo. O seu conjunto, maravilhosamente harmonioso, ordenado, arraigado na consciência de todos os homens de todas as idades, quaisquer que sejam a sua cultura e o seu credo, a imperiosa necessidade de um Ser Supremo, grande arquiteto que dirige o universo.

Considerado o universo como uma máquina incomensurável, era necessário, forçoso, imprescindível, criar um ser de um poder onipotente, senhor de tudo o que existe. Cai a crença em Deus.

Entretanto, aos deístas poderíamos opor esta não menos contundente verdade. O universo é, na verdade, uma máquina incomensurável, cujas engrenagens regulam com uma exactidão assombrosamente harmoniosa.

Tirar-lhe uma das suas engrenagens e a máquina deixará de funcionar. Ela funciona ordenada e harmonicamente, com precisão, como o tic-tac de um relógio, porque estão completos todos os seus componentes.

Se um deles faltasse, sobreviria a sua paralisação ou um movimento irregular. Isto quer dizer que, se funciona, é «pela acção combinada» de todas as engrenagens componentes.

Trabalha por si mesma, pelo efeito combinado dessas engrenagens; é o natural resultado da combinação das partes.

O homem anda por si só, fala, come, estuda, etc., sem ser impellido por nenhuma força estranha.

É o resultado do regular funcionamento dos seus órgãos.

De modo igual existe e subsiste o universo: pela acção conjunta de todas as suas partes.

Uma atraí a outra, esta rege aquela, e assim até ao infinito.

Por isso o universo se rege por leis imutáveis, invariáveis: não poderia funcionar de outro modo, como o não poderia fazer uma máquina automática.

LA NOVELA SOCIAL
LLAMAS DE ODIO
É o título do n.º 13 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$80. Pelo corteio \$9).

MUSICA
Academia de Amadores de Música
No salão da Academia de Amadores de Música realiza-se amanhã, às 21,30 horas, um magnífico concerto, o 8.º desta época, em que os professores sr. D. Cecília Borja, D. Maria Luísa Garin e Flaviano Rodrigues executarão solos de harpa, harpa e piano e harpa e violino, de Haendel, John Thomas, Saint-Saens, Flaviano Rodrigues, J. Massenet, Godefrid, Marcel Tournier e Ravel.

Edições SPARTACUS
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingos, 6500.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6800.
A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.
Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 52 desta novela intitulada *La hija del verdugo*, de Federica Monteny. Preço, \$60. — Pedidos à administração de A Batalha.

—chefe, 25\$00; compositores, impressores e encadernadores, 22\$00; marginadores, 18\$00; costureiras, 12\$00; aprendiz de encadernação, 6\$00.
—É a antiga tabela?
—A antiga tabela dizia respeito ao vencimento mensal fixo, em regime de 6 horas, que era de 58\$91; gratificação mensal do cofre da Biblioteca, 41\$50; horas extraordinárias (2 em cada dia útil, portanto, 52 por mês, 132\$00; quantitativo por mês, em 8 horas, 81\$94).
—Uma explicação conveniente:
—Os vencimentos estabelecidos pelo novo director, para o pessoal das oficinas de composição e impressão, e os que anteriormente auferia, desde que fizesse as 8 horas, acusam uma diferença para menos de 22\$281. Isto a pesar de nos ser garantido que não ficávamos em pior situação.

SANIDADE PÚBLICA
Uma importante circular
— DA —
Direcção Geral de Saúde

A Direcção Geral de Saúde enviou a todos os sub-inspectores de saúde uma importante circular sobre vários problemas de sanidade pública. Por esse documento ser muito extenso só podemos inserir parte dele hoje, concluindo amanhã a sua publicação.

Publicadas as disposições regulamentares mais necessárias (decreto n.º 13166) para efectivar a organização promulgada pelo decreto n.º 12477, é mister que os sub-inspectores de saúde se empenhem no regular e cuidadoso exercício da sua missão, como já lhes foi recomendado na circular de 2 de Dezembro. A presente destina-se a prestar indicações sobre o modo de executar os mais importantes ou frequentes serviços de sua competência.

I — Organização das Sub-inspecções de Saúde

A instalação das Sub-inspecções compete às câmaras municipais, a cargo de quem ficaram as despesas com o pessoal auxiliar, conservação e expediente (artigo 21.º do decreto n.º 12477).

O sub-inspector deve dispor, pelo menos, de uma sala com o mobiliário indispensável e com os livros, pastas e impressos necessários para arquivo e correspondência. O arquivo da Sub-inspecção conterá os seguintes livros e pastas, além da coleção de todos os ofícios recebidos e do copiar de todos os expedientes de todos os ofícios expedidos:

Registo da fiscalização sanitária dos prédios urbanos.
Registo dos pareceres sobre projectos de construção e reparação de prédios.
Registo da fiscalização anual dos estabelecimentos licenciados.
Registo da fiscalização dos géneros alimentícios.
Registo dos serviços de policia mortuária.

Colecção dos mapas de estatística demográfica e sanitária.
Colecção dos mapas mensais dos casos de doenças de declaração obrigatória e de outras que interessam à saúde pública.
Registo de vacinações e revacinações contra a varíola.
Colecção dos mapas de movimento dos serviços municipais de interesse sanitário (particularmente do registo dos cães e de licenciamento de estabelecimentos).

Registo dos profissionais da arte de curar em exercício no concelho.
Registo dos exames médicos realizados pelo sub-inspector.
A Sub-inspecção compete ainda a guarda dos documentos e livros das actas das sessões da Junta de Higiene. Nela devem existir os decretos e regulamentos vigentes de saúde pública.

Ao organizar o arquivo, cada sub-inspector ordenará os documentos da sub-inspecção, por forma a que o começo do arquivo seja referido a 1 de Janeiro de 1927. Se alguma dificuldade tiver em efectivar a instalação do serviço a seu cargo, o sub-inspector deve comunicar a imediatamente à Direcção Geral de Saúde que procurará removê-la. Na correspondência com a Direcção Geral, cada ofício deve tratar apenas de um assunto.

Como pessoal auxiliar, a Câmara porá à disposição do sub-inspector, pelo menos, um empregado, destinado a auxiliá-lo nos serviços externos de fiscalização e a executar o serviço interno de escrituração.

A Sub-inspecção de Saúde estará aberta ao público, para recebimento de reclamações e prestação de informes, pelo menos durante duas horas de cada dia útil. A porta da sala destinada à sub-inspecção se afixará um aviso indicando as horas em que está aberta.

II — Relações com as Câmaras Municipais e autoridades policiais

Se o sub-inspector representa a autoridade sanitária, a sua acção, mormente no que respeita a medidas defensoras da salubridade concelhia, está intimamente ligada à da Câmara Municipal. Os esforços das duas entidades, têm de ser harmonizados e animados do mesmo espírito de finalidade útil. Para que assim suceda, o funcionário de saúde cumpre aproveitar todas as oportunidades para fazer obra de propaganda de higiene, explicando a necessidade das medidas de policia sanitária. Impõe-se uma tarefa aprofundada de educação higiénica; se os funcionários de saúde a tomarem a peito, o desinteresse, infelizmente tão vulgar, por tudo o que diz respeito à sanidade pública, irá desaparecendo e progressivamente diminuirão as dificuldades levantadas à perfeita execução das prescrições sanitárias. A influência social que o sub-inspector de saúde pode exercer na educação em matéria de higiene do meio em que vive, é o mais seguro esteio do progresso da sanidade pública. Para essa acção educadora, desenvolvida mais pela força da persuasão do que pela invocação dos textos legais, a Direcção Geral de Saúde chama vivamente, mais uma vez, a atenção dos médicos sanitários.

Tenham-no em vista no procedimento a haver com as autoridades policiais, que, pelo disposto no artigo 26.º do decreto n.º 13166, «continuam a cooperar no cumprimento dos serviços sanitários, não só praticando os actos coercitivos e executivos próprios da autoridade civil quando e como o requisitem os funcionários de saúde ou em concordância com os seus pareceres, mas também auxiliando com os meios e pessoal de que dispõe a fiscalização higiénica exercida pelos inspectores e sub-inspectores de saúde».

III — Juntas de Higiene

Em cada concelho, a Junta de Higiene está destinada a estabelecer fortes laços entre a acção técnica do funcionário de saúde e a acção administrativa e executiva da competência da municipalidade. Segundo o artigo 19.º do decreto n.º 12477, a Junta é constituída, obrigatoriamente, pelo presidente da comissão executiva da Câmara (ou vereador por ele delegado), pela autoridade policial, pelo sub-inspector de saúde e pelo engenheiro ou empregado técnico da Câmara, para agregar a si, e convém que agregue, outras entidades competentes, como clínicos, médicos, veterinários, engenheiros, etc. As suas principais funções são:

1.º A elaboração das posturas e regulamentos de ordem sanitária.
2.º O estudo de projectos sobre criação ou reforma dos serviços municipais que interessam à saúde pública.
Sobre estes dois campos de actividade a Junta tem iniciativa própria; as iniciativas

emanadas da Câmara serão sujeitas à apreciação e voto da Junta.

As posturas municipais redigir-se-ão sempre em conformidade com as leis e regulamentos de saúde pública e com as instruções complementares emanadas da Direcção Geral de Saúde. Quando surgir dúvida sobre a legitimidade de qualquer prescrição, o sub-inspector consultará a Direcção Geral. Se a Câmara se não conformar com os pareceres da Junta, esta recorrerá para o Conselho Superior de Higiene (§ 1.º do artigo 10.º do decreto n.º 13166).

Para início do seu trabalho, as Juntas reverão as posturas municipais existentes, actualizando-as de forma que se promulguem novas posturas sobre os seguintes assuntos:

1.º Situação, construção e manutenção dos prédios e suas dependências, incluindo o seu abastecimento de água e os alojamentos dos animais domésticos;
2.º Remoção e destino das águas de esgoto e mais imundícies;
3.º Remoção dos lixo domésticos;
4.º Situação, construção e conservação dos mercados de gado, aves, hortaliças e frutas;

5.º Transporte de géneros alimentícios e sua venda ambulante;
6.º Registo e policia sanitária dos cães. Podem as Câmaras cobrar taxas por qualquer acto municipal de natureza sanitária e as posturas devem indicar a importância dessas taxas. As quotas e designações no artigo 24.º do decreto n.º 12477 representam valores mínimos, para que as partes que cabem ao Estado nas taxas ali indicadas, não sejam inferiores às fixadas (§ 2.º do artigo 10.º do decreto n.º 13166).

Revistas e completadas as posturas sanitárias municipais, as Juntas ocupar-se-ão do estudo das obras de saneamento mais necessárias e principalmente das relativas a abastecimento de águas e remoção de dejectos. Quando as obras sejam de importância, os projectos sujeitar-se-ão à sanção do Conselho Superior de Higiene e a Direcção Geral de Saúde procurará subsidiar essas obras, para o que conta-se inscrita no orçamento do próximo ano económico uma verba a tal destinada (artigo 9.º do decreto n.º 13166).

Para que a Junta possa estar inteirada do movimento dos serviços sanitários concelhios, tanto o presidente da Câmara, como o sub-inspector de saúde, devem fornecer-lhe todas as informações que lhe forem pedidas e regularmente os mapas estatísticos respectivos com menção das receitas e despesas dos diversos serviços.

Cada Junta reúne-se periodicamente, pelo menos, uma vez por mês, em dia previamente determinado. Das suas sessões se lavrarão actas em livro próprio. A presidência da Junta compete ao presidente da Câmara. A guarda dos livros e documentos compete ao sub-inspector de saúde, que, por esse facto, desempenhará as funções de secretário; o lançamento no livro das actas por este minutas será feito pelo empregado do expediente da sub-inspecção.

IV — Salubridade das habitações

As obras de construção ou modificação dos prédios urbanos estão sujeitas a licenciamento municipal. A Câmara cabe designar os aglomerados urbanos em que a licença é obrigatória, designação que deve constar da respectiva postura. Os projectos das obras têm de ser presentes ao sub-inspector de saúde, para que este verifique se os preceitos higiénicos foram acatados (§ 5.º do artigo 9.º do decreto n.º 13166); se o sub-inspector entender que o projecto deve ser modificado, indicará as alterações a introduzir-lhe, voltando depois o projecto à sua mão para pôr o visto de concordância.

Ao sub-inspector cumpre vistoriar os prédios cujas condições higiénicas sejam precárias e ordenar as obras de correcção necessárias; se as obras acarretarem modificações do prédio, da vistoria deve participar o engenheiro ou empregado técnico da Câmara; se a demolição estiver indicada, a vistoria deve fazer-se por indicação da Junta de Higiene.

O sub-inspector intimará a pessoa a quem compete executar as obras directamente ou por intermédio da autoridade policial: directamente quando as obras forem de pequena monta (§ 1.º do artigo 12.º do decreto n.º 13166); por intermédio da autoridade policial quando as obras forem de importância. Quando se tratar de obras a realizar em prédios habitados por funcionários de saúde ou pessoas de sua família, a intimação deve assentar sempre sobre vistoria, como determina para obras de vulto a segunda parte do citado § 1.º do artigo 12.º.

Se a intimação não for obedecida dentro do prazo fixado (que deve ser suficientemente largo) promoverá a aplicação ao infractor da multa de 100\$00 a 200\$00 e aguardará novo prazo para o respectivo cumprimento, findo o qual e verificada a desobediência, enviará a juízo o reincidente e comunicará o facto à Câmara para que esta execute as obras constantes da intimação (§ 12.º do decreto n.º 13166).

O responsável pela execução das obras é o proprietário do prédio, mas pode ser o inquilino, quando os inconvenientes sanitários sejam de culpa sua (artigo 13.º do decreto n.º 13166).

Se o infractor não puder ser individualmente intimado, o sub-inspector enviará a intimação à Direcção Geral de Saúde para esta a fazer publicar no *Diário do Governo* passando a ter validade para todos os efeitos (artigo 14.º do decreto n.º 13166).

A aplicação das multas é feita pela autoridade policial, segundo as indicações do sub-inspector e as normas fixadas pelo artigo 17.º do decreto n.º 13166.

Todo o serviço de visitas ou vistorias de prédios será registado em livro próprio, consignando-se para cada visita ou vistoria: dia em que o serviço foi realizado, local em que se encontra o prédio, nome do responsável, defeitos a corrigir, teor da intimação, prazo para execução das obras, sequência do processo.

Acção da policia sanitária

Como a Câmara resolveu que se abra imediatamente praça para a aquisição de sessenta muros destinados ao Serviço de Limpeza da Repartição de Higiene, nos termos das condições vigentes para as aquisições pelo Município e das condições especiais que acompanham esta proposta.

—Que sejam adquiridas em grupos de 15, a fim de poderem ser mais facilmente examinadas.

Como a Carris de Ferro, por contrato, se tivesse comprometido ao prolongamento da linha do Poço do Bispo até Cabo Ruivo, a C. P. apresentara reclamação. Em face disso, a Câmara autorizou a Carris a construir noutro local a mesma extensão de linhas.

A Carris requereu, agora, que a extensão de 2.000 metros de linha a que se refere o anterior compromisso seja acrescida à extensão de 4.100 metros fixada para a linha de Sete Rios a Carmide, o que permitiria a construção d'este tronço de linha em via dupla.

A Câmara concordou plenamente.

Criação morta

O Município resolveu que a venda de criação (aves e coelhos) falecidos de morte natural quer se apresentem inteiras, quer em quartos, seja punida com a multa de 100\$00 na primeira vez, na segunda o dobro e perda da licença de venda que seja ambulante quer em estabelecimento.

Chalote-bufete do Campo Grande

Foi adjudicada, por 3 anos, ao sr. Francisco de Melo, nas condições fixadas no caderno de encargos ultimamente aprovado, a exploração do chalote-bufete existente na ilhota do Campo Grande, pela quantia de 25.000\$00 anuais.

COLISEU
HOJE
ANTE-PENÚLTIMO DIA
da temporada de circo
SUCESSO GRANDIOSÍSSIMO
da extraordinária e deslumbrante pantomima oriental
MIL E UMA NOITES
O mais imponente e grandioso espectáculo de «férias» que se tem visto em Portugal
Surpreendentes trabalhos artísticos dos admiráveis e inteligentes cavalos do célebre «dressage»
TRUZZI
Outras sensacionais atracções
A'MANHÃ — PENÚLTIMO DIA
Festa artística do célebre professor
TRUZZI
Sensacional programa
DOMINGO — ÚLTIMO DIA
Último espectáculo e despedida da
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

Resoluções da Câmara Municipal de Lisboa

O estacionamento dos veículos

Foi extinta a praça de carroças no Largo da Anunciada, e ampliada com mais 12 carroças a praça criada na Rua Evangelista.

A partir do dia 1 de Janeiro de 1937, são extintas todas as praças de carroças existentes dentro da cidade de Lisboa.

Foram extintas as praças de estacionamento de side-cars e automóveis, situadas, respectivamente, junto à placa sul da Praça de D. Pedro IV e rua dos Correioiros, junto ao passeio em frente da Igreja de S. Domingos.

Foi criada na Rua dos Correioiros, junto ao passeio poente em frente da Igreja de S. Domingos, uma praça para estacionamento de «side-cars», podendo ali estacionar o numero de veículos que couberem dentro do angulo compreendido entre os números 1 a 6 ficando com a frente voltada para o nascente.

Foi criada no Largo da Anunciada uma praça destinada exclusivamente ao estacionamento dos automóveis que se destinam ao exame de taxímetros na carreira quilométrica. A praça constitui ponto de partida para o referido exame não sendo permitido automóveis em qualquer outro local. Os automóveis estacionarão junto ao passeio sul com a frente voltada para o norte. O estacionamento só será permitido dentro do horário estabelecido para o exame na carreira quilométrica.

Para os infractores será imposta a multa de 200\$00.

Mercado da Praça da Figueira

Considerando que a companhia que explora o Mercado da Praça da Figueira deve entregar ao Município o edifício deste mercado, no fim do corrente ano, em perfeito estado de conservação, foi aprovado que desde já se oficie à Direcção da mesma Companhia para que faça executar até ao fim de Junho próximo a pintura geral e as reparações de que carece o mercado e, no caso dessas obras não serem efectuadas, o Município tome posse do mercado no dia 1 de Julho próximo, como compensação dos encargos resultantes para os quais não tem o Município qualquer garantia.

Feiras e mercados de gado

O Município aprovou a seguinte postura: Art.º 1.º — Não é permitida a exposição nas feiras e mercados que se realizem no concelho de Lisboa, de quaisquer animais ou veículos sem o pagamento das taxas constantes desta Postura;

Art.º 2.º — As taxas a que se refere o art.º 1.º são as seguintes: — Por cada cabeça de gado adulto: — Cavalos, mular e bovino, 1\$00; Asininos, 50¢; Caprinos, lanígero e suíno, 1\$10. Por cada cabeça de gado adolecente: — Cavalos, mular e bovino, 50¢; Asininos, 25¢; Caprinos, lanígero e suíno, 50¢; Por cada viatura de 4 rodas, 45\$00; Por cada viatura de 2 rodas, 25\$00.

Art.º 3.º — A cobrança destas taxas é feita no local da feira, por empregados da Câmara e mediante as respectivas senhas;

Art.º 4.º — Aquele que se negar a pagar a taxa a que por esta Postura é obrigado, incorrerá na multa da importância correspondente ao decúpio da mesma taxa.

Aquisição de solapões

A Câmara resolveu: que se abra imediatamente praça para a aquisição de sessenta muros destinados ao Serviço de Limpeza da Repartição de Higiene, nos termos das condições vigentes para as aquisições pelo Município e das condições especiais que acompanham esta proposta.

—Que sejam adquiridas em grupos de 15, a fim de poderem ser mais facilmente examinadas.

Elétricos para Carmide

Como a Carris de Ferro, por contrato, se tivesse comprometido ao prolongamento da linha do Poço do Bispo até Cabo Ruivo, a C. P. apresentara reclamação. Em face disso, a Câmara autorizou a Carris a construir noutro local a mesma extensão de linhas.

A Carris requereu, agora, que a extensão de 2.000 metros de linha a que se refere o anterior compromisso seja acrescida à extensão de 4.100 metros fixada para a linha de Sete Rios a Carmide, o que permitiria a construção d'este tronço de linha em via dupla.

A Câmara concordou plenamente.

Criação morta

O Município resolveu que a venda de criação (aves e coelhos) falecidos de morte natural quer se apresentem inteiras, quer em quartos, seja punida com a multa de 100\$00 na primeira vez, na segunda o dobro e perda da licença de venda que seja ambulante quer em estabelecimento.

TIVOLI
ÀS 21 HORAS
Uma obra prima de cinematografia dinamarquesa
AMO E SENHOR
Comédia sentimental, em seis partes, com
Johs Meyer—Astrid Holm—
Matilde Nielsen
Realização de Carl Dreyer
O medroso valente
Comédia de aventuras, em 7 partes, com
Douglas Fairbanks
NO JAPÃO
(Documentário)
UMA CINÉ FARÇA
REVISTA MUNDIAL
Orquestra sob a direcção do maestro
NICOLINO MILANO
Amanhã: — Matinée às 15 horas
SEGUNDA FEIRA, 11
A FERA DO MAR
com John Barrymore

TEATROS

Espectáculos de hoje

Teatro São Carlos. — Às 21,15. — «Entre os lobos».
Teatro S. Luís. — Às 21. — «Paganini».
Teatro da Trindade. — Às 21,15. — «O Quebrantado».
Teatro do Gimmásio. — Às 21. — «A Sorridente».
Teatro Politeama. — Às 21. — «Lourdes».

Teatro Apolo. — Às 20,30 e 22,30. — «Mouraria».
Eden-Teatro. — 20,30 e 22,30. — «O Rei dos Judeus».
Teatro Variadas. — Às 8,30 e 10,30. — «O senhor roubado».
Teatro Avenida. — Às 21,30. — «O bom ladrão».

Coliseu dos Recreios. — Às 21. — Companhia de Circo.
Teatro São Foz. — Às 21. — Variadas.
Teatro Joaquim d'Almeida. — Às 20 e 21. — Cinema e variedades.

CINEMAS
Tivoli. — Todas as noites animatógrafo.
Salão Olimpia. — Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical. — Rua dos Condes.

Jardim Zoológico. — Exposição de animais.

S. Carlos

Hoje a peça «Entre os Lobos»
Mais um espectáculo dá hoje no teatro S. Carlos a aplaudida peça de aventuras «Entre os Lobos», cujo sucesso nada diminui, atraindo todas as noites à bela casa de espectáculos enorme concorrência. A empolgante peça, originalíssima no seu entredo e na atmosfera em que decorre a acção, é uma obra famosa que lá fora tem sido apreciadíssima e que entre nós está igualmente produzindo entusiasmo, merecendo um desempenho admirável em que se distinguem nos principais papeis Palmira Bastos, Clemente Pinto e Henrique de Albuquerque.

Eden-Teatro

Reabre esta noite o Eden-Teatro, com duas sessões, e a estreia da peça inédita em verso, com 2 actos, de Silva Tavares e Carvalho Mourão intitulada «O Rei dos Judeus». Os 15 quadros do novo original intitulam-se: «Anunciação, (prologo), Jesus na Samaria, Jerusalém, Colera e Perdição, Venda de Cristo, Perdão, Adoração à Cruz, a Ceia de Jesus, O Beijo de Judas (apoteose), Novo contrato, Pilatos e Madalena, «Ecce Homo», A sentença de morte, Duas mães, Via Dolorosa e Calvario (apoteose). Os interpretes da peça são Palmira Torres, Elisa Carreira, Arminda Martins, Emilia Berardy, Carolina Simas, Holbeche Bastos, Valério de Rajanto, Antonio Gomes, Mario Campos, Miguel Orrico, Casimiro Tristão, João Guerra, Carlos Sousa, Agostinho Lagos, Jorge de Sousa e Armando Ferreira.

A encenação de «O Rei dos Judeus» é do actor José Climaco, apresentando-se a peça com scenários novos, modernistas, de Luis Salvador, Reis, filho, Reynaldo Martins, S. Mendes e A. C. O guarda roupa é também novo, confeccionado sob a direcção do habilíssimo «costumier» Castelo Branco. Os espectáculos do Eden são por preços de cinema.

Apolo

É a «Mouraria» a peça que conta maior numero de representações, de quantas esta época, viram a luz da ribalta. Pois, a pensar disso, é ela, também a que torna ainda o Apolo o mais concorrido dos teatros, conquantando de duas réditas em cada noite, com a mesma obra. E o público, ora ri com as situações da peça em que se salientam Augusto Costa, Artur Rodrigues e Maria Mesquita, respectivamente no «Mota da guitarra», no «Artur estofador» e na «morgada de Famalicão», ora se comove e deixa-se empolgar pelas scenas sentimentais da «Cesária», de José Manuel e da «Matilde», personagens que são interpretados por Margarida Ferreira, Almeida Cruz e Maria Cardim. «Mouraria» é a única peça genuinamente popular, na actualidade, e digna de apreço, não só pelo entredo, como também pela partitura. E assim é que muitos números de música são repetidos, estando nesse caso os fados da Cesária, Mouraria e Aljube, que o público todas as noites aplaude vibrantemente.

Coliseu dos Recreios

O ante-penúltimo espectáculo da Companhia de Circo

O público tem apenas três dias para poder ver e admirar os valiosos trabalhos da grande companhia de circo que realiza hoje o seu ante-penúltimo espectáculo no Coliseu dos Recreios com um formidável programa em que entram todas as suas novidades e atracções. E bem avisados andam todas aquelas pessoas que lá fôrem porque

TEATRO NACIONAL
HOJE E AMANHÃ
não há espectáculo
SÁBADO:
Festa de homenagem
à culta e inteligente actriz-em-presária
Berta de Bivar

com o célebre drama
A MORTE CIVIL
Protagonista: Alves da Cunha

Actualidade chinesa

(Continuação da 1.ª página)

A arrogância britânica

Como se procura justificar a politica de intervenção

LONDRES, 7. — O sr. Chamberlain declarou na câmara dos comuns não ter o governo a intenção de intervir directamente na guerra civil da China seja em que caso for. Respondendo aos conservadores, disse que quanto à propaganda anti-britânica na China, ela fazia parte do programa ordinário da sessão internacional e que os últimos acontecimentos forneciam elementos para se concluir ser propósito dos soviéticos iludir a opinião universal por meio de falsos relatos. A guerra na China aos estrangeiros em geral e aos ingleses em especial é fomentada em Moscovia. O governo britânico afirmou julgar inoportuno no presente momento tomar medidas sobre a nota enviada aos soviéticos e sobre a resposta destes. — (L.)

A câmara dos comuns rejeitou por 277 votos contra 107 uma moção de Macdonald em que se censurava a politica do governo na China.

O sr. Chamberlain, intervindo no debate declarou que se impunham novos tratados modificando a posição da Inglaterra na China, mas para isso é necessário haver ali um governo legal acatado por todos os chineses.

—Até lá a Grã-Bretanha não pode bater em retirada, concluiu o ministro dos negócios estrangeiros. — (L.)

Outra comunicação

LONDRES, 7. — O sr. Locker Lampson, sub-secretário para os negócios estrangeiros, declarou hoje na câmara dos comuns que a questão da segurança dos subditos britânicos residentes em Pekim, é um dos principais problemas criados pela actual situação na China e está merecendo a cuidadosa atenção do governo. O sr. Lampson terminou dizendo que em breve comunicará à câmara as medidas adoptadas. — (L.)

Uma intriga desfeita?

O que se disse primeiro...

PEKIM, 7. — Mais de 100 homens das tropas do marechal Tchang-Tso-Lin, acompanhados por forças de policia cercaram a embaixada soviética, à qual passaram uma minuciosa busca, prendendo 16 russos e 34 chineses, e apreendendo uma metralhadora, 15 espingardas, munições e grandes massas de bandeiras vermelhas. — (L.)

E o que se desmentiu depois

PAKIM, 7. — É absolutamente falso que houvesse um assalto a embaixada soviética. Não houve nenhum acto hoje. Como inicialmente se disse Tchang-Tso-Lin incumbiu a policia de fazer determinadas buscas. Um dos edificios em que os agentes entraram foi o do Banco Russo asiático, sendo aqui que se efectuaram as capturas e as apreensões. Como para a policia se dirigiu ao local em que se encontra o banco tivesse de atravessar o bairro das legações foi a esta expedida a respectiva autorização. — (L.)

Na zona de guerra

A intervenção estrangeira

XANGAI, 7. — O general Duncan declarou ao enviado especial do *Petit Parisien*

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 30-A, 2.º

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO OURO, 98

TELEFONE N. 5353

Atendimento médico e odontológico — Dr. Armando Naveira — 8 horas.
 Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 10 horas.
 Naveira, Vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
 Tele e sillas — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12 horas.
 Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.
 Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
 Ginecologia, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 1 hora.
 Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.
 Doenças das crianças — Dr. Emilio Palma — 2 horas.
 Doenças das crianças — Dr. Filipe Azeiteiro — 12 horas.
 Tratamento de diabéticos — Dr. Erasmo Roma — 3 horas.
 Doenças e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.
 Curo e radio — Dr. Cabral de Matos — 1 hora.
 Fala — Dr. Almeida Salgueiro — 3 horas.
 Ginecologia — Dr. Gabriel Bento — 1 hora.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras; a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 53

Tabacaria e Kiosque

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo. \$50
 Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofgren. \$50
 Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva. \$150
 Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar. \$150
 A Humanidade, por Tarat Jafeymon. \$150
 O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e J. Budin. \$200
 Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchow. \$200
 Os gatos, por Filadelfo de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série. \$250
 O Mitoísmo, pelo prof. Almeida Paiva. \$250
 Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas. \$300
 A Religião da Humanidade, por José Augusto Corrêa. \$350
 A Psicologia perante a História, por Nobre Franca. \$500
 Os direitos do Estado, por A. Levisse. \$250
 Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho. \$300
 O que é o socialismo, por E. Soisson. \$150
 O corpo humano, por A. Levisse. \$250
 Gravidez e parto, pelo Dr. Desvurmeaux. \$150
 Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira. \$200
 Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira. \$150
 O concílio de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas. \$350

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-maltusianas. \$50
 O sentido em que somos anarquistas. \$50
 A peste religiosa. \$50
 A Liberdade. \$50
 A Internacional (música e letra). \$30
 Pedidos à A BATALHA ou no Caisdo Sodré, 83

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki
 Como se forja um Mundo Nuevo. \$500
 Cuentos de Italia. \$500
 La vida de um Homem innecesario. \$500
 Wladimir Korolenko
 El Imperio de La Muerte. \$500
 Dr. G. Feydoux
 La vida tragica de los Trabajadores. \$1000
 Jean Masestan
 La Educación Sexual. \$1000
 El matrimonio; el amor libre y la libre maternidad. \$500
 E. Reclus
 La Montaña. \$500
 El Arroyo. \$500
 Octavio Mirbeau
 El Calvario. \$500
 P. Krapotkin
 La etica, la revolucion y el Estado. \$500
 Luis Fabry
 Critica revolucionaria. \$500
 H. Malatesta
 Ideario. \$500
 F. Dostoyevsky
 Los Hermanos Karamazov. \$900
 Trotsky. — Constitución politica da República dos Sovietes. \$50
 G. Williams. — O congresso da Internacional Sindical Vermelha. \$100
 C. de G. O. N. M. — Proclamação consciente. \$500

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom numero de escritores revolucionarios — Preço \$1000

Pedidos à administração de A BATALHA

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais
 Algebra elemental. \$1300
 Arithmetica practica. \$1500
 Desenho linear geometrico. \$1200
 Elementos de electricidade. \$3000
 Elementos de fisica. \$1200
 Elementos de Mecanica. \$1200
 Elementos de Modelação. \$1200
 Elementos de Projectões. \$1600
 Elementos de Quimica. \$1200
 Geometria plana e no espaço. \$1300
 Fabricante de tecidos. \$1300
 Mecanica
 Tornel e Frezador mecanicos. \$1500
 Desenho de maquinas. \$2500
 Material agricola. \$1300
 Nomenclatura de caldeiras e maquinas a vapor. \$1300
 Problemas de maquinas. \$1600
 Construção Civil
 Acabamentos das construções. \$1600
 Alvenaria e Cantaria. \$1300
 Edificações. \$1300
 Encanamentos e salubridade das habitações. \$1300
 Materiais de construção. \$2000
 Terraplenagens e alicerces. \$1300
 Trabalhos de Carpintaria. \$1600
 Diversas indústrias
 Condutor de Maquinas. \$2000
 Fogueiro. \$1600
 Formador e estucador. \$1200
 Fundidor. \$1300
 Piloteiro. \$1600
 Industria alimentar. \$1200
 Industria do vidro. \$1200
 Manuais de officios
 Galvanoplastia. \$1800
 Motores de explosão. \$2000
 Navegante. \$1600
 Cimento armado. \$2500



Os sabonetes desta fábrica são os melhores e mais baratos

Peçam-nos em toda a parte

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

PLANTAS, livro util as boas donas de casa. Preço \$200; pelo correio, \$250.
 Pedidos à administração de A BATALHA ou no Caisdo Sodré, 83

NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis

CITROËN

(Palhinha amarela)

DA

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

SECCAO DE LITURARIA DE "A BATALHA"

PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

Organização Social/Sindicalista
 Antonelli. — A Rússia bolchevista. \$200
 Cura Merlier. — A razão dum padre. \$500
 Dufour. — O socialismo e a próxima revolução (2 volumes). \$800
 Emilio Bossi. — Cristo nunca existiu. \$500
 Geo Williams. — Relatório dos delegados dos I. W. W. ao congresso da L. S. V. de Moscou. \$100
 Gustav Le Bon
 As primeiras consequências da guerra. \$800
 Ensaios psicológicos da guerra europeia. \$800
 Les psicológicas da evolução dos povos (eng). \$600
 Guyau. — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção. \$500
 Educação e Hereditariedade. \$400
 Hamon
 A conferência da paz e a sua obra. \$500
 As lições da guerra mundial. \$500
 O movimento operário da Grã-Bretanha. \$500
 Psicologia socialista-anarquista. \$500
 A crise do Socialismo. \$50
 A psicologia do militar profissional. \$500
 Henrique Leone. — O Socialismo. \$400
 Heliodoro Salgado
 O culto da Imaculada. \$1000
 Jean Grave
 A sociedade futura. \$500
 O individuo e a sociedade. \$400
 Joseph J. Ester. — Unionismo industrial. \$50
 Julio Guesde. — A lei dos salarios. \$50
 Justus Ebert. — O I. W. W. na teoria e na pratica. \$300
 Krapotkin
 Anarquia, sua filosofia e seu ideal. \$150
 A Grande Revolução (2 vol.). \$1000
 A moral anarquista. \$50
 Os bastidores da Guerra. \$30
 O Estado e o seu papel historico. \$150
 Lazare. — A Liberdade. \$50
 N. Lenine. — Os problemas do poder dos Sovietes. \$150
 O Estado e a Revolução. \$400
 Landauer. — A Social Democracia na Alemanha. \$50
 Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo. \$300
 Marx. — O Capital. \$500
 Melchior Inchofer. — Monarquia jesuitica. \$300
 Nietzsche
 Anti-Cristo. \$400
 Genealogia da moral. \$400
 Neno Vasco. — Ao Trabalhador Rural. \$35
 — Georgicas. \$35
 Temas da Fosseca. — Sermons da Montanha. \$210
 Conceição Anarquista do Socialismo. \$300
 A greve dos inquilinos. \$150
 Novikov. — A emancipação da mulher. \$400
 Pataut e Pouget. — Como faremos a revolução. \$400
 Perfeito de Carvalho. — Notas e comentários. \$150
 Sebastião Faure. — Doze provas da inexistência de Deus. \$150

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Figueira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é um relato historico, documentadissimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fasciculado de 48 páginas, 12x pelo correio, registado, 12x.
 Estão publicados os seguintes fasciculados:
 1.º — A era de la esclavitud;
 2.º — La rebelión de Espartaco;
 3.º — Abolición de la esclavitud;
 4.º — Abolición de la servidumbre;
 5.º — La revolución de los siervos;
 6.º — La miseria de los agricultores;
 7.º — Transformación del Poder Feudal;
 8.º — El comunismo cristiano;
 9.º — Los miserables en la Edad Media;
 10.º — La libertad ilusoria;
 11.º — La agonía del absolutismo;
 12.º — El trabajo motor universal;
 13.º — El imperio de la guillotina;
 14.º — Las lutas sociales y la revolución francesa;
 15.º — Los primeros tiempos del salariado;
 16.º — Hospitales, cárceles y asilos;
 17.º — Las crueldades de la burguesía republicana;
 18.º — Los héroes de la Comuna;
 19.º — Horribles matanzas de Comunistas;
 20.º — La República Española y la clase obrera;
 21.º — La Primera Internacional;
 22.º — El socialismo ante el Parlamento español;
 23.º — El futuro obrerista profetizado por Castelar;
 24.º — Pi y Margall confunde a los enemigos del socialismo;
 25.º — Los precursores del Proletariado moderno;
 26.º — Crueldades burguesas;
 27.º — Los mártires de Chicago;
 28.º — Muerte heroica de cinco proletarios;
 29.º — El proletariado en América;
 30.º — Los dictadores mejicanos;
 31.º — Conclusión.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Famoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço \$500.

Pedidos à administração de A Batalha

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinkof. Preço \$500.

A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras.

A' venda nas livrarias, ao preço de 600 e, acobrança, de 700.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIAS E ENSINO

Abel Botelho — Amanhã. 1600	Jorge Teixeira. — Gatinhos de Luva Branca. — A Escamalha (peças de teatro). 2150
Alexandre Hercliano 1600	Julio Quintinha 1600
Lendas e Narrativas (2 volumes). 1800	Visinhos do Mar. 800
Cartas (2 volumes). 1800	Cavalgada do Sonho. 800
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.). 2700	Terras de Fogo. 800
Adolfo Lima 1600	Dor vitoriosa (novela). 125
Contracto do Trabalho. 1000	Laisant. — Iniciação matemática. 500
Educação e ensino. 500	Malvert. — Ciência e Religião. 1000
O ensino da história. 150	Mário Domingues. — Hugo, o pintor (novela). 125
Aquino Ribeiro 1600	Anastácio José (idem). 125
Anatole France. 300	Manuel Ribeiro 1600
Estrada de São Tiago. 1000	Poder redentor (novela). 125
Jerônimo das Tormentas. 1000	Mirbeau. — O Jardim dos Súplices. 400
Via Sinuosa. 1000	Nogueira de Brito 1600
As Filhas da Babilônia. 1000	Memórias de Angela Pinto 1500
Terras do Demo. 1000	Sangue Fúlgido (novela). 125
Augusto Machado. — Impossível redenção (novela). 125	Não, diz a Lei (novela). 125
Augusto de Sousa. — Folhas perdidas (Fados). 1000	Pargam. — Origem da vida. 800
Bento Faria. — Missa nova (teatro em verso). 200	Helenismo e a Civilização Cristã. 1500
Binet-Sanglé. — A loucura de Jesus. 400	História da Civilização ibérica. 1500
Buckner. — O homem segundo a ciência. 1200	História da República Romana (2 volumes). 3000
Charles Darwin. — Origem das espécies. 1400	História de Portugal (2 vol.). 3000
Campo Lima 1600	Raças Humanas (2 vol.). 3000
O Estado e a evolução do Direito. 1200	O Brasil e as Colônias Portuguesas. 1500
O Amor e a Vida. 500	Cartas Peninsulares. 1500
Os Pobres. 200	Sistema dos mitos e ficções religiosas. 1500
A Revolução em Portugal. 600	Orlando Marçal 1600
Cristiano Lima. — A escola de Nun'Alvares (novela). 125	Agua clara. 1000
Duarte Lopes. — Frei Sanguê. 500	Imagens de Sonho. 1000
Ega de Queiroz 1600	Raul Brandão 1600
O crime do Padre Amaro. 1800	Os Pescadores. 1000
O primeiro Basílio. 1500	Os Pobres. 1000
O Mandarim. 800	O Teatro. 800
Os Maias (2 vol.). 2800	Spencer. — Da Educação (br. \$500) em. 850
A Religião. 1500	Sobral de Campos. — Dois tiros (novela). 125
A Cidade e as Serras. 1200	Tolstói. — A sonata de Kreutzer. 400
Frade Mendes. 900	Ana Karenine (3 vol.). 1500
Casa Ramires. 1500	Toulouse. — Como se deve educar o espírito. 400
Prosas Bárbaras. 1000	Wenceslau de Moraes 1600
Ecos de Paris. 900	Dai-Nippon. 1250
Cartas Familiares. 900	Victor Hugo 1600
Cartas de Inglaterra. 900	França e Bélgica. 1000
Minas de Salomão. 900	O Reno (2 vol.). 1500
Notas Contemporâneas. 1500	Os Miseráveis (2 grossos vol.) ilustrados, encadernados. 4000
Ultimas páginas. 1500	A Taberna. 1200
Contos. 1500	Tereza Raquin. 500
Ernesto Haekel 2000	Alegria de viver (2 vol.). 800
História da Criação. 500	A conquista de Plassans (2 vol.). 2000
Origem do Homem. 500	Fecundidade. 500
Enigmas do Universo. 1400	A fortuna dos Rougons (2 vol.). 800
Monismo. 400	Uma página de amor. 800
Religião e evolução. 600	Dr. Pascal. 800
As maravilhas da vida. 1400	FOLHETOS
Faquet. — Iniciação filosófica. 500	Eliseu Reclus. — Anarquia e a igreja. 1500
Iniciação literária. 1000	A Evolução legal e a anarquia. 300
Faria de Vasconcelos 1600	Gonçalves Correia. — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura. 50
Problemas escolares. 500	José Pratt. — A burguesia e o proletariado. 50
Por terras de Bém mar. 500	A necessidade da Associação. 50
Ferreira de Castro 1600	Content. — Contra o confusãoismo. 30
Sangue Negro. 250	Alfredo Neves Dias. — Razão (poema social). 50
Sedas de Lirismo e de Amor. 800	Ernesto da Silva. — Teatro livre. 30
A Peregrinação do Mundo Novo. 600	Arte Social. 30
F. Castro e E. Fria. — A Boca da Esfinge. 800	Landauer. — Social Democracia. 30
Flammarion 1600	R. Mota. — O princípio do fim. 30
Iniciação astronômica. 500	A maçonaria e o proletariado. 30
Contos de luar. 500	J. Most. — Peste religiosa. 50
Como acabará o mundo? 700	Definições sociais. 50
Os habitantes dos outros mundos. 400	Horas anarquistas (versos). 50
Felix Le Dantec. — As influências antracitais. 1000	Trovas da Noite. 100
Filho de Almeida 1000	Roberto, o pescador. 100
Lisboa Galante. 900	Memórias do Parque de São João do Forte. 100
Estâncias de Arte e Saúde. 900	Carta de Pensamento. 100
Figuras de destaque. 900	J. Bakunin. — O sentido em que somos anarquistas. 50
Actores e Autores. 900	Chueca. — Como não ser anarquista. 50
Contos. 900	Lazare. — A Liberdade. 50
A Esquina. 900	B. Etivant. — A minha defesa. 50
Aves Migradoras. 900	J. Kropotkin 1600
Barbear, Pentear. 900	Os bastidores da guerra. 30
Cidade do Vício. 900	Moral anarquista. 50
Psiquinadas. 1000	O espírito revolucionário. 50
Pais das Uvas. 900	O estado e o seu papel historico. 150
Salbam quantos. 900	J. Guedes. — Lei dos Salarios. 50
Vida errante. 900	Briand. — A greve geral. 50
Vida ironica. 900	Roland. — Rússia Nova. 50
Guerra Inimiga. — A morte de D. João. 1000	O socialismo e os intelectuais. 50
Musa em férias. 900	D. Carvalho. — A gestão sindical no período revolucionário. 50
Os Simples. 700	A Hamon. — A crise do socialismo. 50
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de linx). 1400	J. Santos. — A transformação da sociedade. 50
Brochado. 1000	Neno Vasco 1600
Gorki. — Os Degenerados. 400	Georgicas. 30
Os Vagabundos. 400	Greve de inquilinos, teatro. 100
Na Prisão. 250	Proletariado Histórico. 100
Ilsen. — Espectros. 400	G. Archinof. — A Revolução social e o Sindicalismo. 50
Casa de bonecas. 500	Carlos Rates. — Aditadura do proletariado. 100
Jacquinet. — História Universal, 2 v. Jaime Cortezão. — Adão e Eva (teatro). 500	Emilio Chapellier. — Porque não creio em Deus. 100
José Benedit. — A ciência redentora (novela). 125	Rodolfo Rocker. — O socialismo revolucionário e a organização operária. 100
Jesus Peixoto. — O mestre geral (novela). 125	

8-4-1927

OS MISTÉRIOS DO POVO

N.º 915

O cardeal pronunciara estas palavras ao abrir-se uma porta do salão, dum qual tinha entrado o padre Rodin, acompanhado dum porteiro a quem disse qualquer coisa ao ouvido.

Rodin tinha já mais de trinta anos. Rosto magro e imberbe, olhos de reptil sempre cabisbaixos e nunca fitando ninguém, ligeiramente curvado de costas, já calvo, pescoço curvado para diante, passo incerto, atitude de afectada humildade, em que se reflectia o desdém pelas demais pessoas, eis os sinais do reverendo padre Rodin, quando em idade quasi madura. Ele trajava habito preto com vivos brancos nos lugares das costuras; trazia os sapatos enlameados, e numa mão o chapéu e na outra um velho guarda-chuva de pano em xadrez encarnado e branco.

O continuo inclinou-se reverenciosamente perante o jesuita, a quem disse com o tom da mais respeitosa deferência:

— Meu reverendo, eu vou ter a honra de o conduzir imediatamente ao gabinete do sr. ministro, que está em conferência com o sr. duque de Otranto.

Rodin fez um sinal de assentimento; como não viu o cardeal, passou-lhe por diante, com os olhos fitos no chão, e tendo na mão um lenço azul.

O cardeal, (com arrogância ao continuo). — Tenho duas palavras a dizer-lhe, continuo. O sr. conde de Plouernel e eu chegámos aqui antes do reverendo (contendo o despeito), o que ele ignorava. (Rodin inclina-se profunda e humildemente diante do cardeal). O reverendo esperará certamente a sua vez de ser recebido, e não nos usurpará a nossa.

O continuo, (respeitosamente). — Tenho a honra de fazer notar a Vossa Eminência que tenho ordens terminantes do ex.º sr. duque de Blacas com respeito ao reverendo padre Rodin, para que ele seja introduzido à sua presença todas as vezes que se apresentar, e isto tirando a preferência a todas as outras pessoas. São as ordens que recebi, e a que sou forçado a obedecer.

O cardeal, (irritado). — Mas eu é que de forma al-

guma posso consentir que um simples padre tenha aqui a preferência a um príncipe da Igreja! (Rodin inclina-se reverenciosamente muitas vezes diante do cardeal, mas sem nunca olhar para ele.)

O continuo. — As ordens são formais, sr. cardeal.

O cardeal, (furioso, ao conde de Plouernel). — Ora que diz a isto, meu irmão?... Veja lá a que tempo chegámos!... Pelo umbigo do papa! como eu queria agora fazer em bocados este patife!

Rodin, que se tinha conservado mudo e impassível durante esta scena, tornou a inclinar-se humildemente diante do cardeal; depois fez um sinal ao continuo para que o precedesse, e desapareceu com ele por uma porta oposta àquela por onde tinha entrado no salão.

A porta de entrada abriu-se de novo para dar entrada ao tenente-general conde Oliveiros, vestido com o grande uniforme do seu posto, decorado com a Legião de honra e com as insignias de muitas ordens estrangeiras. Trazia a banda encarnada à cinta, a fita da Corde de Ferro a tiracolo, e a cruz de São Luis no lado esquerdo do casaco, scintilante de bordados a ouro.

O antigo aprendiz de João Lebrun tinha então trinta e oito anos; conservava ainda o bigode preto, mas os seus cabelos estavam já começando a fazer-se grisalhos; continuava o seu semblante a ser belo e marcial.

Desconhecido das outras pessoas que estavam reunidas no salão, o general Oliveiros sentou-se a pouca distância do grupo formado pelo conde de Plouernel, o cardeal e o sr. Humberto. O conde Desmarais tinha ido encostar-se ao parapeito duma janela.

O cardeal, (ao conde de Plouernel). — Este jesuita, este biltre, este trapalhão é introduzido à presença do sr. de Blacas antes de mim, príncipe da Igreja! pois eu declaro que, do modo como as coisas caminham, ao abrigo da execrável carta de 1814, nós vamos para um novo q3. A França está perdida!

O sr. Humberto. — Contudo o clero não tem que se queixar da restauração, sr. cardeal. Vossa Eminência não tem razão para censurar o rei e o seu governo.

O conde de Plouernel. — Eu sou da opinião de meu irmão, no que respeita à nobreza. Censuro o rei por ter dado o comando de duas companhias das suas guardas a ex-marchais do império, a maltrapilhos, como são esses tarimbórios apenas elevados por Bonaparte!

O general Oliveiros, que até ali ninguém tinha ainda visto, fez um movimento de indignação ao ouvir estas palavras.

O conde de Plouernel. — O rei não devia ter confiado comandos a esses heróis de caserna, cheirando a cachimbo, a quem somos obrigados a acotovelar nas tuchélias, nós, antigos emigrados que os combatemos no tempo da República. Nós sacrificámos tudo pelos nossos senhores e eles agora fazem-nos a ofensa de tratar como nossos iguais esses



CRÓNICA DO ESTRANGEIRO

As divergências dos Estados impossibilitam o desarmamento

Ainda na casca, abortou a conferência do desarmamento, que uma comissão da Sociedade das Nações pretendia efectuar. Só os pacifistas, que sempre foram bisonhos ou charlatões, sofreram uma decepção. Quem se anima de ideais humanos e fraternos deve considerar pouco inteligente esperar-se que as potências concordes a resignar qualquer parcela das suas perigosas ambições de domínio económico, influência política ou supremacia militar. O desarmamento nunca será uma iniciativa da diplomacia que serve essas potências, e a Sociedade das Nações está tão moralmente desacreditada que nenhuma sugestão teria o menor acolhimento no «desconcerto» das nações.

Cada potência entende a seu modo o desarmamento. Todas as chancelarias concordam em um limite dos armamentos; mas, quando se aprecia a tese que cada uma delas apresenta, verifica-se que nenhuma quer abandonar a sua supremacia militar. E as divergências em torno da questão, manifestando claramente as rivalidades das potências, não deixam fundar na opinião do mundo uma pilula hipotética da sinceridade dos governos e da sensatez dos pacifistas.

A comissão que preparava, em Genebra, a realização de uma conferência de desarmamento, não conseguiu formar um ponto de vista acerca do limite máximo dos efectivos militares. A diplomacia inglesa deontou-se com a diplomacia francesa, e a discordância tornou-se irreversível.

A Inglaterra propunha que a redução dos efectivos militares também interessasse as reservas, ou melhor, contingentes que tivessem de ser mobilizados num período determinado depois de iniciadas hostilidades, não se reduzindo, portanto, apenas ao exército em tempo de paz.

A França defendeu o critério de que a redução se fizesse apenas no activo em tempo de paz, deixando no seu normal desenvolvimento as reservas.

Nenhuma acção positiva surgiu desta polémica. A tese inglesa era acuada de promover a extinção do serviço militar obrigatório, apesar de oferecer o princípio do sorteio para a formação de contingentes. Os delegados franceses emitiram o princípio que determinou as últimas reformas militares.

Acceitou-se condicionalmente a tese francesa, mas o assunto terá de ser discutido em melhor oportunidade. Também se formulou um acordo, deveras platónico, de que os estados não aumentariam o tempo do serviço militar, actualmente estabelecido fixando-se também a constituição dos quadros militares, mas não se estabelecendo, afinal, a proporção numérica dos soldados.

Aqui se expõe como os governos dão viabilidade à política de desarmamento que os inexpressivos pacifistas andam pregando.

O desarmamento das potências...

ROMA, 7.—Por ocasião da incorporação dos recrutas Mussolini enviou uma nota a todos os comandantes das unidades militares recomendando-lhes que a instrução fosse ministrada o mais rapidamente possível. —(L.)

BERLIM, 7.—O Reichstag regeitou as moções apresentadas pelos democratas reduzindo em 10 por cento o orçamento da «Reichwehr» e convidando o «Reich» a não concluir a concordata restringindo a liberdade cultural, afectando a questão escolar. —(L.)

GENEVA, 7.—Lord Cecil e o sr. Boncour conferenciaram esta manhã sobre a nota escrita resumindo a tese francesa do desarmamento naval. —(L.)

De Pinedo sofre um desaire

Perante numeroso público, o avião ficou destruído por uma explosão

SANTO ANTÔNIO, 7.—(Texas) Milhares de pessoas que aguardavam a partida de Pinedo assistiram à emocionante explosão do aparelho. Os jornais da América do Sul dedicam artigos especiais ao triste acontecimento, mas dizem confiar em que de Pinedo continuará brilhantemente o seu «raid». Alguns diários atribuem o desastre a um atentado comunista. —(L.)

ROMA, 7.—O ministro da aeronautica recebeu um telegrama de De Pinedo pedindo-lhe com urgência um novo aparelho. Mussolini ordenou o imediato envio dum hidro-avião, visto De Pinedo ter comunicado que apenas aquele chegue continuará a sua viagem. —(L.)

As rivalidades nos Balcãs

O conflito italo-iugoslavo está sendo regulado pela diplomacia

BELGRADO, 7.—O governo da Iugoslávia encarregou o ministro dos estrangeiros, sr. Pritsch, de iniciar directamente as negociações italo-sérvias. Estas negociações realizam-se há em Roma na presença de Mussolini e do embaixador da Iugoslávia para evitar os comentários da imprensa. —(L.)

PRAGA, 7.—O ministro Benes, falando perante a comissão parlamentar dos negócios estrangeiros, confirmou a orientação optimista que havia tomado o caso italo-iugoslavo, havendo toda a esperança em que o novo tratado de todas as garantias para ambas as partes. —(L.)

BERLIM, 7.—O governo alemão acede em tomar parte na comissão de controle da Albânia, caso as funções desta comissão sejam claras, definidas e tenham a aprovação da Iugoslávia, Itália e Albânia. O jornal «Tages Zeitung» comentando diz que a Alemanha devia aguardar um convite especial destes países para evitar, no caso de um fracasso que este lhe seja atribuído. —(L.)

Negociações entre a Itália e a Hungria

ROMA, 7.—O ministro plenipotenciário da Hungria ofereceu um banquete ao

sr. Bethlen, ao qual assistiram Mussolini e quase todos os ministros.

Os jornais continuam comentando largamente o acordo italo-húngaro e em particular a cláusula pela qual o tráfico da Hungria pode fazer-se pelo porto de Fiume. Segundo uma outra cláusula é restituída à Hungria o célebre código Mattia Corvino. —(L.)

A Roménia está satisfeita com a Itália

ROMA, 7.—O presidente do senado sr. Tittoni leu ao senado um telegrama de saudação ao presidente do senado romeno em que este exprime a sua gratidão à Itália pela ratificação do tratado da Bessarabia. O senado italiano retribuiu os cumprimentos afirmando que a Itália deseja ardentemente as prosperidades da Roménia. —(L.)

Em poucas linhas

Uma violência governamental

MONTEVIDEO, 7.—Em virtude de supostos ultrajes ocorridos, foram encerrados todos os centros das colectividades operárias. —(L.)

PARIS, 7.—Tendo a comissão de finanças da câmara dos deputados rejeitado discutir por artigos o projecto sobre o monopólio dos fósforos, é provável que o governo não apresente às câmaras, tanto mais que as próximas férias impossibilitam a sua votação antes de 30 do corrente. —(L.)

BERLIM, 7.—O conselho do Império aprovou, por 44 contra 23 votos, o projecto de lei prorrogando o acordo comercial provisório franco-alemão. A Baviera, e Wurtemberg, Bade, Turingia, votaram contra. —(L.)

A MULHER-HOMEM

Foi ontem operada no hospital Estefânia, devendo em breve ser registada como varão

O leitor não conhece a história daquela hermafrodita, desentancada em Vinhais, na provincia de Traz-os-Montes. Não conhece porque não estávamos suspensos e não lhe pudemos contar. Mas oia que não perde o tempo.

Na referida vila de Vinhais havia uma mulher-homem chamada Inês dos Anjos. Os antigos dessa vila diziam que a Inez na mulher, enquanto outros asseveravam que a Inez era homem, porque era Anjos...

Durante muitos anos existiu a dúvida se a Inez era homem ou mulher. Por fim a rapariga—visto que no registo de nascimento figurava como fêmea—cresceu a olhos vistos. Dizia-se até que era um encanto à moçoila.

Os rapazes da terra começaram a fazer-lhe a corte e, por momentos, toda aquela boia gente supôs tratar-se de uma autêntica Inês. Mas a Inez é que sentia certo asco pelos seus requestadores.

Sentia-se mais inclinada para as suas companheiras, que impudicamente a olhavam. Um dia descobriu-se que a Inez não era Inez. Para sê-lo faltavam-lhe os órgãos que a Natureza profiava em lhos negar.

E a Inez veio para Lisboa, recolhendo ao hospital de S. José, e transitando dali para o da Estefânia, a fim de ser examinada.

Ontem no referido hospital, em cuja enfermaria n.º 6 se encontrava internada, os dros. Marçal da Silva e Manuel de Vasconcelos operaram a hermafrodita com feliz successo. Desde ontem que a Inez não oferece dúvidas a ninguém. Trata-se de uma Inez masculina, que terá que ser novamente registada.

Caprichos que a Natureza se compraz em ter...

«A Batalha» no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

UMA RECLAMAÇÃO JUSTA

Contra o emprego do taipal na construção

A Secção dos Pedreiros comunica-nos o seguinte:

«Uma comissão delegada da classe dos pedreiros foi ontem, mais uma vez, protestar contra o emprego do taipal, processo de construção que, além de estar fora das normas gerais adoptadas, tem contribuído grandemente para o desmoronamento de propriedades e para a enorme crise de trabalho.

A comissão verificou que na Avenida Alferes Malheiros, numa obra ali em construção, se empregava o taipal. Assim mereceu os seus protestos e os taipais foram tirados. É necessário que a fiscalização camarária não permita que estes abusos continuem porque eles reflectem-se sempre na desconfiança e no retraimento de capitais».

INSTRUÇÃO

O ministro da Instrução mandou suspender os inspectores escolares do 1.º Bairro de Lisboa e da Certá, sendo-lhes instaurados processos disciplinares.

Visitas de estudo

Os alunos do último ano do curso nocturno da Escola Industrial e Commercial de «Veiga Beirão», acompanhados do seu professor, sr. Carlos Bueno y Martins, realizaram no dia 5 do corrente uma visita de estudo à Fábrica de Vidros da rua das Gaiolas, onde foram gentilmente recebidos e elucidados acerca das diversas fases por que passam os produtos ali manufacturados pelo gerente da referida fábrica.

Sobre organização

Aspectos resultantes do maquinismo na posse dos industriais

IV

O facto de assumir a direcção de uma empresa industrial ou comercial, seja com capital próprio, ou emprestado, confere ao patrão, mormente desde o emprego do maquinismo, poderes consideráveis que a colectividade não pode desde então impedir-lhe de exercer, quaisquer que sejam as perturbações que esses poderes determinem.

Tais poderes são consideráveis, pois que, pelo próprio facto dessa posse de direcção o patrão pode fixar as condições de vida de dezenas, de centenas, de milhares de indivíduos. Pode impor-lhes a duração de trabalho que lhe convém; pode-lhes estabelecer a quantidade de produtos que terão de consumir; tem o direito de lhes suspender o trabalho, de os reduzir à miséria; e assim; nos casos de doença e de velhice, de os deixar sem recursos, sem meios de existência.

Além disso, desde o momento em que a colectividade deixa um indivíduo fundar uma empresa, não pode, sem atentar à sua liberdade nem criar obstáculos à produção, evitar que ele a dirija em conformidade com o seu interesse. Ora o seu interesse é impor longos dias de trabalho e salários diminuídos, é elevar os preços a mais do custo de produção a fim de alcançar lucros em dinheiro.

Note-se então de quanta importância é este facto inicial, a posse de direcção de uma empresa por um indivíduo, ou, por outras palavras, o regime da produção individualista ou patronal; a este regime se devem todas as perturbações económicas que minam as sociedades actuais.

As comprovações precedentes demonstram que o patrão actual é um monarca absoluto que rege como senhor as condições de trabalho e da partilha. Não reconhece nenhuma autoridade económica das operárias, aos empregados e ao pessoal encarregado da parte técnica da produção, longe de terem categoria para impor sua vontade, os trabalhadores nem sequer têm voto consultivo.

Os operários não possuem o direito de discutir as condições de partilha, isto é, a proporção entre a cifra dos lucros e a dos salários que os patrões lhes estabelecem; não têm o poder de obrigar estes a dar-lhes salários em casos de acidente, de enfermidade e de velhice; nem mesmo quando são vilidos têm o poder de alcançar trabalho, devem sofrer a inactividade forçada resolvida pelos patrões; não têm o direito de dar o seu parecer sobre a duração do labor, pois o regulamento interno da oficina também lhes não pertence.

O sistema actual de direcção, por conseguinte, consagra o completo despotismo económico da classe patronal sobre a classe operária. Sobre este regime a minoria que possui a soberania económica e impõe a sua vontade à maioria dos trabalhadores não organizada.

Afirmam os dirigentes que querem melhorar a situação dos operários, mas na realidade não querem, não o podem querer, porque melhorarlhes a situação equivale a diminuir a sua submissão e o poder de dominação dos patrões.

A pobreza, o excesso de trabalho, a falta de descanso são indispensáveis para elevar ao máximo os abusos da classe patronal, mas todas estas medidas são também das mais úteis para deprimir os trabalhadores, para os manter na ignorância, para os impedir de se organizarem, em suma, para afiançar a sua submissão à autoridade patronal.

Os salários elevados, as reformas, o curto dia de trabalho têm efeitos absolutamente contrários: elevando o custo de produção diminuem os ganhos e o luxo da classe patronal; mas ainda não é tudo: a melhoria da situação material permite à classe operária desenvolver-se um tanto intelectualmente, e combinar-se para resistir ao despotismo patronal. Claro que os dirigentes não podem querer facilitar semelhante emancipação.

E como um círculo vicioso onde, para satisfazer os seus interesses, os patrões devem encerrar os operários; a miséria serve para fortalecer a autoridade patronal, e esta deve ser absoluta para poder impor a miséria.

O aparecimento do industrialismo, portanto, teve por efeito colocar as sociedades actuais na alternativa seguinte: não aproveitar da diminuição de labor e do aumento de bem-estar que a produtividade do maquinismo permitiria realizar; deixar a classe patronal apropriar-se de todo o excedente de valor proveniente do trabalho mecânico-humano; ver os patrões empregar as vantagens e as necessidades técnicas do maquinismo em intensificar cada vez mais o despotismo que exercem sobre os operários; ou mudar o sistema actual de direcção da produção social. Esta mudança, impossível enquanto os trabalhadores estão no modo de ser individualista inorgânico, tornou-se perfeitamente possível, agora que eles criaram a sua organização profissional: o sindicalismo.

O sindicalismo moderno, por conseguinte, actua como causa determinante da revolução, visto que impõe a supressão da direcção patronal.

H. DUFOUR

MOVIMENTO MARÍTIMO

Entraram ontem no nosso porto os vapores: espanhol «Everest», de Gijón, em lastro; holandês «Orpheus», de Cadiz, em lastro; «Avoceta», de Liverpool, com 81 passageiros em trânsito; «Desado», de Liverpool, com 2 passageiros para Lisboa e 276 em trânsito; norueguês «Hafnia», de Amsterdã, com 2 passageiros para Lisboa e 531 em trânsito, todos com carga diversa.

Despacharam para sair os vapores, alemão «Sierra Ventana», para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires; ingleses «Stahleck», para Sevilha; «Desado», para S. Vicente, Rio de Janeiro, Santos e Buenos Aires, com passageiros; «Castelar», para Londres e Hamburgo, com carga diversa; Dinamarquês «Slewig», para Bilbao, vazio.

CARTA DE COIMBRA

Mais proezas do Andrézinho das calças brancas, um curioso tipo de demente

COIMBRA, 7.—Dia a dia se torna cada vez mais difícil de suportar o infeliz demente André Dias da Silva, conhecido por Andrézinho das Calças Brancas, ou Andrézinho das Passarinhas, ou ainda Andrézinho das Campainhas, de que nos temos ocupado nas últimas correspondências para A Batalha. O desequilíbrio das funções mentais deste pobre tarado, roído pelo álcool e pela sífilis e depauperado por esgotamentos seminais, cada dia se vai acentuando mais gravemente, tornando-se cada vez mais insuportável e importuna para a população ordeira e laboriosa desta cidade. Para o leitor bem avariado do desarranjo cerebral deste pobre demente, a quem as autoridades competentes continuam a negar um lugar em qualquer manicomio, e para melhor se ajudar dos tormentos duma infeliz população forçada a padecer as consequências das suas taras, vamos contar uma das primeiras proezas dignas de registo de que foi protagonista o nosso Andrézinho.

Nos comços do verão passado, André Dias da Silva, em quem os excessos duma vida desregrada, levada por tabernas e lupanares, começavam a produzir as primeiras manifestações de alienação mental, entrou, a sua, no Comissariado da Polícia, indignado, epiléptico, participou as autoridades que viram nas proximidades do Liceu «José Falcão» um indivíduo a passear em ceroulas, numa inqualificável afronta à Moral Pública. Para este ser imoral, que se atrevera, desta forma insolita, a vir para a rua escarstar, publicamente, nas faces candidas da Moral, reclamava êle toda a seyeridade das sanções penais. Ignorante do mau funcionamento mental do participante, apressou-se o sr. Comissário da Polícia a mandar prender o iconoclasta, o irreverente, que viera para a rua, em ceroulas, rir-se dos preceitos da Moral oficial e codificada.

Dali a pouco, um polícia trazia o réprobo à presença do sr. Comissário da Polícia, capitão Cruz, que verificou que o acusado não passava de ceroulas à mostra, mas sim... envergava umas calças brancas... Deste episódio surgiu o cognome de Andrézinho das Calças Brancas, por que o larvado mental é hoje tratado.

Outra proeza mais revoltante ainda: Há dias, quando foram presos por suspeita de distribuírem manifestos clandestinos de propaganda anarquista os nossos camaradas Roberto das Neves e Arnaldo Simões Júnior, appareceu no Comissariado da Polícia desta cidade, subscrita pelo André Dias da Silva, uma denúncia, em que era acusado do mesmo delicto (distribuição de manifestos) um pobre velho de 62 anos, chamado Marcelino dos Santos, que há anos exerce neste burgo o mister de guarda-nocturno.

Preso o pobre velho confesso que, de facto, metera por debaixo da porta do hotel onde come o sr. Comissário um manifesto endereçado àquela autoridade, mas que o não fizera com intuito de dar expansão ao referido manifesto, cuja letra nem sequer lera.

A-pesar-de bem patente a inocência do pobre velho, o sr. Comissário da Polícia, capitão sr. Cruz, não avisado ainda da desorganização do maquinismo pensante do citado Andrézinho, saciou, sem querer, de-certo, a sede de vingança do pobre mentecapto, fazendo demitir o Marcelino dos Santos do cargo que exercia e que era o único ganha-pão da sua família.

Narremos as últimas façanhas picarecas do já agora célebre Andrézinho das campainhas: No Teatro Avenida executava, há poucos dias, a orquestra a música duma cançoneta muito em voga. A certa altura, ouvira-se dum camarote a voz agudada e sífilica do pobre louco, a gritar que aquela música era imoral e, por isso, reclamava a intervenção da policia para fazer calar a orquestra e para prender todo aquele que a associasse.

De todos os lados, então, estudantes e populares coroaram com uma salva de gargalhadas as apóstrofes moralizadoras daquelle que uma vida desregrada e immoralissima conduzia a loucura. Depois, tudo se pôs a cantar com a música da cançoneta que havia merecido a excomunião do desditoso maluco:

—Ai, agora é que eu vou preso é que eu vou preso, etc.

Anteontem, sempre seguido por numerosos garotos que o imitavam:—Olha as calças brancas! Olha o maluco das campainhas!—chegou o André ao Mercado Municipal, onde se intrometeu com as vendeadas, insultando-as e proferindo palavras aprendidas nos bordéis e nas lascaras que com assiduidade frequentava. As pobres mulheres realizaram uma epopeia para se verem livres do pobre louco, que quasi correram à batata.

A população laboriosa e pacata desta cidade está justamente presa duma geral indignação contra a attitude das autoridades locais, cuja indiferença as condena ao tormento de sofrerem toda a casta de vexames da parte dum pobre doido que ha muito devia ter sido pôsto em condições de inofensividade.

Em nome da Ordem e dos sagrados interesses duma população laboriosa, clamamos uma vez mais a atenção das autoridades competentes. Em nome da Ordem e dos sagrados deveres de humanidade, pedimos que o pobre demente seja metido num manicomio, onde seja devidamente hospitalizado.

Que nos oijam os ouvidos de quem de direito! — C.

P. S.—A última hora chegou-nos a informação de que se organizou uma comissão delegada das várias colectividades económicas desta cidade, incumbida de ir a Lisboa solicitar dos poderes públicos o imediato internamento do infeliz André Dias da Silva numa casa de saúde.

Que seja bem sucedida.

Ainda os Transportes Marítimos

Mais um processo foi ontem julgado

Foi ontem julgado e resolvido mais um processo dos famosos Transportes Marítimos do Estado, sendo absolvido o réu de ontem, sr. Luís de Ghira Aguiar.

Avila de Buarcos

sob o jugo reaccionário

Por toda a parte se sente o mesmo mal—o atrofismo da Liberdade e o desenvolvimento tácito do clericalismo, acobertado sempre por aqueles que se não fariam de se dizerem salvadores do património!...

Só quem percorre as provincias vê bem aqui e além; se convence. É inacreditável. Os sotinaes apparecem-nos arrogantes, senhores da impudência que lhes proporcione e manifestam-se tão hostilmente como se vê:

A Junta de Iniciação da Figueira da Foz reuniu conjuntamente com os delegados das juntas de freguesia da mesma cidade—sendo discutido o donativo à santa da Encarnação de Buarcos, na importância de 10.000 escudos. Um dos membros reunidos discordava porém de tal donativo, alegando que êle seria melhor aplicado na reparação de estradas, etc. Este critério, porém, não venceu—e o padre da igreja da Sr.ª da Encarnação, sabedor de que José Gotta lora o protestante ao citado donativo, tendo encontrado êste no carro-americano, inextinguível o fortemente por seu acto anti-religioso, pois mostrava não ser amigo da sua terra (!). Quere dizer: entre uma festa religiosa beatificante e exploradora do contribuinte, pois o monetário da referida Comissão de Iniciação sai dos impostos sobrepostos ao povo que paga, ignorando a final se o seu «bonus» é bem empregado—e o bem da colectividade, tornando-a mais alegre e progressiva, com estradas acessíveis e outras coisas que a recomendem como civilizada—pelo critério do santo padre, bemvisto e respeitado duma doutrina afrontosa da religião do seu Mestre, há que escolher a escola à santa, tornando-a mais rica, porque é indispensável contradizer S. Paulo, que diz: não vistais ouros nem possuais riquezas!—Tudo isto por amor de Deus!...

¿Mas julgais que o referido padre é algum velho rabugento? Nada disso! É um rapazinho todo novo, gestos místicos e devotado à castidade... benzendo-se sempre que entra no carro-americano, descobrindo-se, tirando o livro das orações e rezando, desconfiado de que as mulas tirantes do carro lhe puguem uma «partida» e mais ao seu Deus!

E uma maneira infame de fazer propaganda religiosa, captativa e insultuante, pois com graças e sorrisos para as crianças, levando «santinhos» para distribuir, vai predispondo as mães à obediência tácita e engrossante da sua maldita e perversa hoste!

O pescador é gente humilde—acostumada a viver em paz com suas redes e os peixes que seu arduo labor, perigoso e extenuantissimo, lhes satisfaz seus desejos de seres vivos. Olha a associação com amor, um amor muito extenuante, mas está imprevisto para as lides sindicais, tornando-se difícil a defesa dos diversos ataques que vai sofrendo.

Por um lado é o padre que vai estendendo suas garras aduncas, fanatizando sua compaheira e embruteando seus filhos num arrastamento para o campo da mentira e da ignominia. Do outro é o «fiscal» que lhe leva 12% sobre o pescado, ficando às vezes a «compaheira» assim reduzida a uns miserios escudos e uns peixinhos que é a sua caldeirada, mas sobre a qual tem de pagar os mesmos 12% de imposto, como se não podessem ir ao mar buscar o seu alimento. Alimento muitas vezes penosissimo, a vida em perigo, enquanto os «fiscaes» ficam dormindo ou bebericando na certeza de que algum lhes pagará seus prestimosos serviços...

O tempo mudará, um dia, porém. Assim é preciso. E que todos os marítimos conscientes e todos os honestos servidores dum ideal de beleza e harmonia social se convençam da necessidade do trabalho revolucionário e preparador da sociedade nova que ha-de dar a todos o que a todos pertence, integrando a liberdade no indivíduo e este na colectividade sob o desejo dum regime perfeito e equitativo!

Em Buarcos há algumas vontades que nós sabemos. Conjuguem-se elas e o rumo reaccionario mudará beneficiando a todos.

Supomos que estão de acordo!

Mãos à obra—e bom êxito vos deseje

Adolfo de FREITAS

Lisboa trágica

Quelmada com água fervente

Na enfermaria n.º 1 do Hospital da Estefânia, deu entrada António dos Santos, de 2 anos, natural de Lisboa, residente no Casal Ventoso, barraca, que foi queimado com água a ferver, quando brincava, ficando muito molestando pelo corpo.

Queda a bordo

S.º Sala de Observações do hospital de São José recolheu João Pais, 62 anos, trabalhador, residente na rua dos Mestres, à Ajuda, n.º 44, loja, que caiu a bordo dum vapor fundado no Tejo, ficando gravemente ferido na cabeça, tendo recebido os primeiros curativos no posto da Cruz Vermelha do Calvário.

A sacholada

A mesma Sala recolheu Joaquim Lopes, 41 anos, trabalhador, natural e residente em Fontainhas de Seixos (Vila Nova de Ouren) que ali se envolveu em desordem com outro indivíduo, valendo-lhe ter sido agredido à sacholada, ficando gravemente ferido na cabeça.

Queda desastrosa

A enfermaria n.º 2 do hospital do Desterro, recolheu Emídio Ferreira, 11 anos, natural e residente em Caparica, e que próximo da sua residência deu uma queda ficando muito contuso.

De um telhado à rua

A enfermaria n.º 5 do hospital de São José recolheu Jerónimo Brito de Carvalho, 26 anos, pedreiro, natural e residente em Montemor-o-Novo, que ali caiu dum telhado, resultando ficar muito contuso pelo corpo.

AVIAÇÃO

Deve aterrar hoje, no campo internacional de Alverca, um monoplane «Harriot», pilotado pelo capitão francês Haglaen.

Vida Sindical

Comunicações

Manipuladores de Pão de Lisboa.—As comissões por áreas e todos os camaradas que o possam fazer devem passar pela sede do sindicato hoje, às 12 horas, a fim de lhes ser entregues os manifestos-convoatórias para a assembleia que se realiza na próxima segunda-feira, pelas 10 horas.

Federação Marítima e Fluvial.—Com a presença de oito sindicatos marítimos, reuniu ontem este corpo federativo, tendo apreciado vários assuntos que se prendem com a situação das várias classes que representam.

Convocações

REÚNEM HOJE:

Sindicato U. C. Civil.—Conselho Técnico.—Pelas 20 horas, o Conselho Fiscal.

Federação Portuguesa de Solidariedade a Presos e Perseguidos por Questões Sociais.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Executivo, reunindo no mesmo local e à mesma hora o Comité de Lisboa.

CRISE DE TRABALHO

A grande sessão de hoje no Sindicato da Construção Civil

De harmonia com a resolução do conselho de secções do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa realisa-se hoje, às 21 horas, naquele organismo, escaleira do Combro, 38, 2.º, uma grande sessão magna da classe para os delegados darem conta do resultado dos trabalhos efectuados junto dos srs. ministro do Comércio e presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa.

Na indústria tipográfica

Para apreciação dos relatórios das Comissões Pró-Desempregados e de Auxílio aos tipógrafos atingidos pelas medidas postas em prática pelo governo após o movimento revolucionário de Fevereiro último, reúne-se hoje, pelas 18 horas, na Associação dos Profissionais Culinários e Artes Correlativas, travessa dos Inglesinhos, 3, 1.º, a classe dos compositores tipográficos.

Na Avenida da Liberdade

Uma batalha de flores a favor das casas de beneficência

Continua trabalhando-se para a batalha de flores, que no próximo mês se realiza na Avenida da Liberdade a favor das casas de beneficência.

A comissão promotora da festa resolveu dirigir-se a todas as pessoas que se interessam pela existência dos asilos a-fim-de-auxiliarem na sua missão.

Uma das principais coisas que a comissão pretende é a oferta de flores. As pessoas que quiserem concorrer com essa oferta podem participá-lo ao secretário da comissão, sr. Alexandre Morgado, no gabinete do Governador Civil.

Oportunamente serão indicados os prémios para os veículos que se distinguirem pela sua artística ornamentação.

Um director dos Caminhos de Ferro da Beira Alta que desorganiza os serviços e persegue o pessoal

FIGUEIRA DA FOZ, 7.—Há três anos a esta parte que os ferroviários da Beira Alta vêm sendo gravemente lesados e vexados pelo director da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, sr. Pais Abranches.

Desde a sua entrada na gerência da Companhia, outra coisa não tem feito que desorganizar os serviços, castigando, transferindo e demittindo os empregados mais competentes e mais cumpridores dos seus deveres, só porque êles, como era natural e legítimo, não se deixavam esbulhar nos seus direitos. O resultado destas perseguições, que desorganizaram os serviços, foi o ser o público bastante prejudicado.

Uma última revolução foi um esplêndido pretexto que o sr. Pais Abranches aproveitou para perseguir, transferindo e demittindo alguns dos melhores empregados da estação da Figueira da Foz, sob a acusação de terem prestado serviço à força militar que naquela cidade se revoltou.

Provoen-se que o pessoal, a princípio, se recusou a cumprir as ordens da referida força, só o tendo feito depois de ser coagido pelas ameaças dos militares. Apesar disso, o sr. Pais Abranches não hesitou em castigar todo o pessoal.

Sucedeu, porém, que quando a força militar tomou posse da estação, o sr. Pais Abranches assistiu impassível a êsse acto, sem lhe ter oposto a mais leve velicidade de resistência. ¿Porque não teve a coragem de reagir, nessa altura, colocando-se à frente do pessoal e ordenando-lhe que só cumprisse as suas ordens? Não a teve, evidentemente, porque nem sequer soube demonstrar a energia moral suficiente para formular um protesto, mesmo